

Janeiro Fevereiro Março 2014

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO JAN-MAR 2014

Um novo ano começa. Duro? Difícil? Sim, todos o sabemos. Num ano assim, cabe a prática das artes, do conhecimento, da reflexão? Cabe. Nenhuma dessas atividades humanas são garantia suficiente de um mundo melhor. Mas podem ajudar. Não são momentos de evasão, de fuga. São momentos de prazer, de encontro, de partilha, e também de reflexão, de procura, de imaginação, que nos distinguem como humanos. Que nos dão dignidade. Que nos unem como comunidade.

Clara Andermatt é uma das principais figuras do que na altura (finais dos anos 80, princípios de 90) se chamou “Nova Dança Portuguesa”. Continua a ser uma coreógrafa em constante renovação, com uma obra muito consistente e de grande qualidade. Na segunda passagem pela Culturgest vem estreiar a sua última criação, *Fica no Singelo*, que resultou do trabalho coletivo dos intérpretes e da investigação que fizeram em torno das danças tradicionais.

Um palco transformado em estúdio de cinema. Roda-se um filme. Três cenas. Realizador, atores, figurantes, técnicos, ao mesmo tempo que produzem o filme, que entram e saem de cena, que interrompem o trabalho, como acontece em todas as rodagens, são atores do teatro que nós vemos no palco. O filme vai existir, no fim do espetáculo. Aquele mesmo que nós, enquanto espectadores, fomos vendo construir-se à nossa frente. Um jogo de espelhos. Onde teatro e cinema se confundem ou nascem em simultâneo. O Cão Solteiro e o cineasta André Godinho estão a preparar-se para criar este espetáculo, este filme, que chamaram *Day For Night*, e se estreia no nosso Grande Auditório.

A Culturgest associa-se ao projeto Artista na Cidade, aliás em muito boas companhias, como poderão ver se lerem as páginas que dedicamos ao acontecimento bianual. O artista cuja obra múltipla (como escritor, artista visual, diretor de uma Companhia de Teatro, que tem colaborado com muitos outros criadores em várias disciplinas) poderá ser vista em Lisboa, este ano, é Tim Etchells. Por agora vamos apresentar dois superlativos espetáculos de teatro seu, *The Coming Storm* (A Tempestade que Aí Vem), de 2012, e *And on*

the Thousandth Night... (E à Milésima Noite...) de 2000, que esteve na Culturgest em 2002 e volta 12 anos depois. São espetáculos dos Forced Entertainment, que Tim dirige.

No que diz respeito à música, para além da permanência do Ciclo “Isto é Jazz?” que tão bons momentos, por vezes difíceis, nos tem dado, dos concertos muito especiais na Culturgest Porto, salientamos um novo ciclo, “Jazz +351”, dedicado exclusivamente a músicos de jazz nacionais. Cada vez há mais músicos portugueses cheios de talento. Mas no atual estado de coisas, as oportunidades de mostrarem o seu trabalho são poucas. Procuramos, com escassos meios, combater essa situação.

Também voltamos a ter Hootenanny, com quatro magníficos concertos de *blues* (incluindo uma excelente banda portuguesa), como tem acontecido todos os anos. Ou não fossem escolhas de Ruben de Carvalho. O RESCALDO, dedicado também à música portuguesa, mas agora ao que se chama de músicas de vanguarda, terá a sua 7.ª edição, a 3.ª que se realiza na Culturgest e na Trem Azul. As propostas, que vêm de artistas, de que, salvo um ou outro, provavelmente nunca ouviu falar, costumam ser muito aliciantes. É bom conhecer o que os jovens músicos do nosso país, em condições precaríssimas, vão fazendo. É a sua luta. A sua forma de se nos dirigirem.

No Grande Auditório, para além de um dos concertos do Hootenanny, vamos ter três outros muito especiais e completamente diferentes entre si.

Quando ouvimos o disco *Kachupada*, de Carmen Souza, ficámos siderados pela voz, pelo seu timbre e pela técnica e expressões vocais que usa, pela qualidade das canções, cantadas em crioulo. Nunca tínhamos ouvido nada de parecido. Era obrigatório que ela se apresentasse na Culturgest. Tenham ou não comprado o disco, venham descobrir esta espantosa artista.

Aldina Duarte tem uma relação sólida connosco. Aqui tem sido a sua casa. Aqui se estreou em palco grande. Aqui ela gosta de cantar. Nós ficamos felizes que seja assim porque Aldina é muito especial. Não há quem cante como ela. “Porque o seu canto vence a

noite, é o dia que ela nos escancara” como diz o seu amigo Jorge Silva Melo. Tão nova e já faz 20 anos de carreira. Tinha que os celebrar na Culturgest. Em dois concertos, porque um é pouco.

Martial Solal é, sem contestação, um dos maiores pianistas e compositores de jazz vivos. Tem 86 anos e resolveu sair dos palcos em 2014. Quisemos que um dos seus últimos concertos fosse na Culturgest. E ele, que já conhece a casa, disse que sim. Muito provavelmente será a última vez que em Lisboa poderemos ouvi-lo, se não mudar de ideias. Vem a solo, onde é exímio.

De há uns anos a esta parte que temos organizado conferências que nos dão informação que nos ajuda a perceber o presente para tentar perceber o futuro. Vamos continuar nesse caminho. Para além de um ciclo que ainda está em gestação e por isso não pôde ser incluído nesta brochura, pedimos a José Castro Caldas que nos explicasse como é que um certo discurso económico invadiu todos os cantos da nossa vida, como é que esse discurso hegemónico nasceu, se apoderou de nós e, segundo uma opinião que se vai expandindo, é responsável por uma crise social. Como foi isso possível? Como sair desta situação? Que outras economias há? É verdade que não há alternativas?

João Rodrigues, economista e investigador como Castro Caldas, como ele recusando o discurso dominante e empenhando-se civicamente, vem-nos explicar o que é isso do “neoliberalismo” de que todos falam. Como nasceu, como se desenvolveu, quem foram os seus inventores, quais os resultados que produz.

Wagner volta a ser o tema das conferências de Eugénio Sena que o ano passado encantaram quem o veio escutar, em número crescente. A sabedoria de Sena, a paixão contagiosa que tem por Wagner, a sua capacidade de prender o auditório às suas palavras e às imagens que vai mostrando, tornam estas conferências uma experiência jubilatória, entusiasmante. São, como todas as outras, de entrada gratuita.

Referência a uma *masterclass* dirigida pelo encenador e ator brasileiro Renato Ferracini,

sobre a expressividade do corpo, e a um conjunto de *workshops* sobre como se deve desenvolver um projeto na área das indústrias criativas, coordenado por um especialista em Startups. Porque muitos projetos começam com ótimas ideias e não conseguem concretizar-se.

Outros cursos e oficinas pode encontrar nas atividades desenvolvidas pelo nosso Serviço Educativo que há muito tempo ultrapassou a fase em que centrava a sua ação nas visitas guiadas às exposições e se tornou uma referência, passe a imodéstia. Veja as interessantíssimas propostas que se dirigem a públicos muito diversos, com formatos também diferentes. Inclui espetáculos para crianças (e adultos). Visitem as páginas que lhe dizem respeito, é provável que sejam seduzidos por alguma dessas propostas. Muitos têm sido.

No domínio do cinema teremos um pequeno ciclo com quatro sessões, concebido por Sérgio Taborda, no âmbito de um projeto de investigação a que se dedica e que inclui também o desenvolvimento do seu próprio trabalho como artista.

Neste primeiro trimestre as nossas exposições são dedicadas a três artistas portugueses: Ana Jotta, com uma antológica do seu trabalho produzido a partir de 2005 (data da retrospectiva que foi apresentada em Serralves); Pedro Casqueiro, de que se reúnem obras, algumas notáveis, que intermitentemente foi fazendo desde os anos 90, em paralelo à sua produção de pintura, pela qual é conhecido. Obras que foram ficando no seu ateliê. Poucas foram mostradas, salvo em duas galerias nos anos 90 e na Culturgest Porto em 2012; e Luisa Correia Pereira (1945-2009) que produziu, ao longo de 40 anos, uma obra atípica, “com notáveis fulgurações”, que nunca teve o reconhecimento devido, apesar da exposição antológica que a Fundação EDP e o CAM lhe dedicaram em 2003. Vamos mostrar a obra gráfica que produziu entre 1971 e 1974 exibida pela primeira vez na Culturgest Porto. Será uma descoberta surpreendente.



© DMF, Lisboa

A Culturgest dispõe em Lisboa e no Porto de uma livraria especializada em arte contemporânea, cujos títulos são criteriosamente selecionados com base numa pesquisa constante, alheia a preocupações de ordem comercial. Nela se encontram, naturalmente, as publicações editadas pela Culturgest, assim como muitas outras relacionadas com artistas que aqui expuseram o seu trabalho, mas nela estão também representados muitos artistas não abrangidos pelo programa de exposições. A livraria inclui ainda uma ampla secção de escritos e entrevistas de artistas, outra de escritos sobre arte, com especial ênfase na história de arte, além de uma panóplia de publicações muito diversas que, por vezes, se vão agrupando em pequenas constelações. Artistas e autores consagrados convivem com outros menos conhecidos; editoras de grande dimensão repartem as prateleiras com projetos editoriais de menor escala ou mesmo de muito pequena dimensão. Quase todas as publicações são disponibilizadas a preços reduzidos, por vezes muito reduzidos, para que as possamos partilhar com tantas pessoas quanto possível.

Culturgest runs a bookshop in Lisbon and in Porto that specialises in contemporary art. Its titles are very carefully selected, being based on constant research and free of commercial constraints. Naturally, Culturgest's own publications are all to be found at the shop, as well as many others relating to artists who have already exhibited their work here. But other artists are also represented, whose work has not been covered by the exhibition programme. The bookshop also includes a broad selection of artists' own writings and interviews, another section on art theory and history, as well as a whole panoply of highly diverse publications that can sometimes be grouped together in small clusters. Established artists and authors rub shoulders with others that are less well known; major publishers share shelves with lesser-sized publishing projects or even very small publishers. Almost all of the publications are placed on sale at reduced, and sometimes extremely tempting, prices, so that we can share them with as many people as possible.

Lisboa

De segunda a sexta, 11h-19h.
Sábados, domingos e feriados,
14h-20h. Encerra à terça-feira
e nos períodos em que não há
exposições. Tel. 21 790 51 55

Porto

De segunda a sábado,
12h30-18h30. Encerra aos
domingos e feriados.
Tel. 22 209 81 16

Conferências/Leituras

- 12 **Conversas com Wagner**
por Eugénio Harrington Sena
- 20 **Comunidade de Leitores** por Helena Vasconcelos
- 36 **Economia: uma ciência que transforma o mundo?**
por José Castro Caldas
- 54 **O neoliberalismo não é um *slogan* – histórias de uma ideia poderosa** por João Rodrigues

Música

- 18 **Akira Sakata e Giovanni Di Domenico**
- 22 **Kachupada** Carmen Souza
- 24 **Samara Lubelski**
- 32 **Hootenanny**
Big James & the Chicago Playboys
- 34 **Budda Power Blues**
- 35 **Eden Brent Band**
- 46 **Festival RESCALDO**
- 56 **O que nunca direi** Aldina Duarte
- 58 **Sofia Ribeiro e Jeffery Davis**
- 64 **Martial Solal**

Masterclass/Workshop

- 26 **Corpo-Subjétil: Experiência de um corpo cartográfico** por Renato Ferracini
- 30 **Empreender e Financiar Projetos nas Indústrias Criativas** *Workshops* de criação de iniciativas em todas as Indústrias Criativas e atividades conexas

Dança

- 28 **Fica no Singelo**
pela Companhia Clara Andermatt

Ópera

- 38 **Met Opera Live em HD**
Transmissões em diferido da Metropolitan Opera

Cinema

- 40 **Sobre o trabalho da montagem em artistas que usam o filme** Encontros com os filmes de James Benning, Peter Hutton, Larry Gotheim, Arthur Cantrill, Corinne Cantrill e vídeos de Sérgio Taborda

Teatro

- 44 **Day For Night**
de Cão Solteiro & André Godinho
- 60 **The Coming Storm**
de Forced Entertainment
- 62 **And on the Thousandth Night...**
de Forced Entertainment

Exposições

- 68 **Sentido em deriva**
Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos
- 70 **Ana Jotta** A conclusão da precedente
- 72 **Pedro Casqueiro** Marginalia
- 74 **Luisa Correia Pereira**
A convocação de todos os seres

Serviço Educativo

Informações

96

Conversas com Wagner

por Eugénio Harrington Sena



Richard Wagner, Cosima Wagner, Franz Liszt e Hans von Wolzogen na Haus Wahnfried Bayreuth, c. 1880 (Fotogravura de Franz Hafnstaengl a partir de uma pintura a óleo de Wilhelm Beckman, Liszt Museum, Bayreuth)

SEGUNDAS-FEIRAS
6, 13, 20 E 27 DE JANEIRO

Grande Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

6 de janeiro
Sobre o Feminino em Wagner: Mulheres e heroínas. Amor, sexualidade e redenção.
(1.ª parte: Senta, Venus, Elizabeth, Elsa e Sieglinde)

13 de janeiro
Sobre o Feminino em Wagner: Mulheres e heroínas. Amor, sexualidade e redenção.
(2.ª parte: Isolde, Eva, Brünnhilde e Kundry)

20 de janeiro
Acerca de amigos e compositores: Histórias de admiração e traição na demanda da “música do futuro”.

27 de janeiro
O caso Nietzsche e a criação do Parsifal: Sexo, regeneração e espiritualidade.



Depois do ciclo biográfico do ano passado, comemorativo do bicentenário do nascimento de Richard Wagner, proponho o aprofundamento de alguns temas que estiveram continuamente presentes ao longo da sua vida: amor, sexualidade, amizade, redenção, filosofia, religião e espiritualidade serão os *leitmotive* destas Conversas onde a voz de Wagner estará sempre presente, seja através de excertos musicais e dos poemas dramáticos, seja através de citações das suas cartas ou das memórias dos que com ele conviveram.

Nas duas primeiras sessões ouviremos as personagens femininas das suas obras identificando-as com as mulheres reais da sua vida. Avaliaremos, desse modo, a evolução do pensamento de Wagner “sobre o feminino”, assunto que o preocupou até à hora da sua morte. Na terceira sessão faremos um percurso pela ascensão e queda de muitas das suas relações de amizade, analisaremos a sua relação com outros compositores (de Weber a Liszt, passando por Mendelssohn, Meyerbeer e Berlioz) e a influência que exerceram na sua obra. Na última sessão veremos em detalhe a evolução da sua relação de amizade com Nietzsche e o que poderá ter provocado a sua rutura, e olharemos para os conceitos da metafísica wagneriana sobre a natureza humana que o levaram, nos últimos anos de vida, aos “escritos da regeneração” e à criação do *Parsifal*.

Regressamos, assim, à obra intemporal de Wagner procurando renovar o prazer que a revelação da sua música continuamente nos provoca, esperando que ela nos coloque cada vez mais próximos do “puramente humano” e da consciência daquilo que verdadeiramente somos.

Eugénio Harrington Sena

Eugénio Harrington Sena é licenciado em Engenharia Química e tem uma pós-graduação em Gestão das Artes. Foi diretor técnico da Culturgest (1993-2010) tendo desempenhado anteriormente diversas funções na Companhia Nacional de Bailado e no Teatro Nacional de São Carlos. Lecionou em cursos de Gestão Cultural e foi produtor, conferencista e encenador, na área de “óperas para crianças”. É um dos sócios fundadores do Círculo Richard Wagner Portugal.

After last year’s celebrations of the bicentenary of Wagner’s birth, these *Conversations* will examine some of the more constant themes in the composer’s life: love, sexuality, friendship, redemption, philosophy, religion and spirituality. The first two sessions will look at the female characters in his works, the third his relationship with other composers and their influence on his work, and the last his friendship with Nietzsche and the Wagnerian metaphysics that led to the creation of *Parsifal*. Eugénio Harrington Sena is a founder member of the Richard Wagner Circle in Portugal.

Artista na Cidade 2014 Tim Etchells

Alkantara Festival
British Council
Carpe Diem Arte e Pesquisa
CCB
Culturgest
EGEAC
Teatro Maria Matos
Teatro São Luiz
Temps d'Images



Tim Etchells, artista britânico e diretor artístico do coletivo Forced Entertainment, é o artista convidado para a segunda edição da bienal Artista na Cidade, que volta a reunir várias instituições de referência.

Depois de uma primeira experiência, em 2012, e de um ano de trabalho rico e intenso em torno da obra da coreógrafa belga Anne Teresa De Keersmaecker, o Alkantara Festival, o British Council, o Carpe Diem Arte e Pesquisa, o Centro Cultural de Belém, a Culturgest, a EGEAC, o Festival Temps d'Images, o Maria Matos Teatro Municipal e o São Luiz Teatro Municipal formam, em 2014, uma teia colaborativa que permitirá trazer a Lisboa uma perspectiva alargada da obra de Tim Etchells – um trabalho diverso, das artes performativas às artes visuais e à ficção, recorrendo a diferentes expressões e contextos sempre em busca de novas ideias, possibilidades e caminhos, novas perspectivas. Uma obra com assinatura individual, mas igualmente associada aos Forced Entertainment, coletivo que este ano celebra o seu trigésimo aniversário.

Atuando na cidade e tendo como objetivo primeiro dar a conhecer ao público de Lisboa, de modo múltiplo e alargado, a obra de relevantes artistas da atualidade, a bienal Artista na Cidade estabelece também singulares relações, novos percursos e alternativas, no tecido e nas dinâmicas de programação.

Tim Etchells, a British artist and the artistic director of the performance group Forced Entertainment, is the artist invited to take part in the second edition of the Artist of the City biennial, which once again brings together a range of leading organizations.

After its first edition, in 2012, which involved a year of fruitful and intense work centred on the work of the Belgian choreographer Anne Teresa De Keersmaecker, Alkantara Festival, the British Council, Carpe Diem Arte e Pesquisa, Centro Cultural de Belém, Culturgest, EGEAC, Festival Temps d'Images, the Maria Matos Municipal Theatre and the São Luiz Municipal Theatre have once again joined forces, in 2014, to form a collaborative network that will bring a broad range of Tim Etchells' work to Lisbon – a varied sample of his work, ranging from the performing arts to the visual arts and fiction, making use of different media and contexts in a constant search for new ideas, possibilities and paths, new perspectives. It is a work that has its own individual stamp, but which is also connected to Forced Entertainment, the collective that is celebrating its thirtieth anniversary this year.

Operating in the city, the main aim of the Artist of the City biennial is to give Lisbon audiences the chance to discover, in a broad and multiple way, the work of important contemporary artists, establishing unique relationships, new paths and new alternatives in the landscape and its curatorial dynamics.

Artista na Cidade 2014 Tim Etchells

Mais informações nos programas de cada instituição e em www.artistanacidade.com
Programa sujeito a alterações

Tomorrow's Parties

As Festas de Amanhã
Forced Entertainment

Maria Matos Teatro Municipal Qui 9, sex 10 e sáb 11 de janeiro · 21h30 · Dur. 1h20

Duas personagens num palco improvisado imaginam diversos futuros hipotéticos, construindo pequenas narrativas de otimismo e desespero.

The Coming Storm

A Tempestade que Aí Vem
Forced Entertainment

Culturgest Qua 19, qui 20 e sex 21 de março 21h30 · Palco do Grande Auditório · Dur. 1h45

Ver pág. 60 deste programa.

And on the Thousandth Night...

E à Milésima Noite...
Forced Entertainment

Culturgest Sáb 22 de março · 18h
Grande Auditório (lotação reduzida) · Dur. 6h

Ver pág. 62 deste programa.

Electric Words

Palavras Elétricas

Alkantara Festival De 21 de maio a 8 de junho

Infiltrando-se em esquinas, telhados de teatros e outros lugares de Lisboa, os letreiros de Tim

Etchells exploram aspetos contraditórios da linguagem e criam momentos estranhos de intimidade e encontro em ambientes públicos.

Tim Etchells/Jorge Andrade Companhia Maior

Centro Cultural de Belém

De sex 24 a seg 27 de outubro · 21h (dom às 16h)

Tim Etchells vai criar um texto original em contacto com os intérpretes da companhia, todos maiores de 60 anos, e com o encenador Jorge Andrade (mala voadora).

Real Magic

Magia Real

Maria Matos Teatro Municipal e São Luiz Teatro Municipal

De sáb 8 a dom 16 de novembro

Os Teatros Municipais Maria Matos e São Luiz encerram o programa Artista na Cidade 2014 com um pequeno festival que inclui palestras, intervenções no espaço público, leituras, happenings e performances.

Dirty Work Trabalho Sujo Forced Entertainment

Quizoola!

Forced Entertainment

The Notebook O Caderno

Forced Entertainment

Void Story História Vazia

Forced Entertainment

Sight is the Sense that Dying People

Tend to Lose First

A Visão é o Sentido que os Moribundos

Tendem a Perder Primeiro

Tim Etchells

Institute of Failure

Tim Etchells e Matthew Goulish

Outros Programas Textos

PANOS palcos novos palavras novas

Culturgest De novembro 2014 a maio 2015

Numa coencomenda com o programa Connections do National Theatre, Tim Etchells vai escrever para a décima edição dos PANOS, projeto que junta o teatro escolar e juvenil às novas dramaturgias.

Citybook Lisboa

Alkantara Festival Maio/junho

Num projeto europeu que liga escritores e fotógrafos internacionais a cidades no continente e para lá dele, Tim Etchells será um dos autores a escrever para o citybook Lisboa.

Outros Programas Artes Plásticas e Vídeo

Intervention

Carpe Diem Arte e Pesquisa

De 15 de fevereiro a 26 de abril

Empty Stages

Carpe Diem Arte e Pesquisa

De 1 de junho a 31 de julho

Video Work

Carpe Diem Arte e Pesquisa/

Temps d'Images

Outubro/dezembro

Outros Programas Documentação

Lisbon by Sound Pelo Som de Lisboa

Alkantara Festival/British Council

Quatro artistas de Lisboa criam peças sonoras de 5-10 minutos a partir de um local da cidade; serão publicados online diálogos entre os artistas e Tim Etchells.



Tomorrow's Parties

Akira Sakata e Giovanni Di Domenico

Ciclo “Isto é Jazz?” · Comissário: Pedro Costa



© Scott McMillan



SEX 10 DE JANEIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M3

Saxofone alto, clarinete, percussão, voz Akira Sakata
Piano Giovanni Di Domenico

É um encontro de gerações, este que reúne o japonês Akira Sakata e o italiano Giovanni Di Domenico, nascidos respetivamente em 1945 e 1977. E se não há propriamente um fosso a separá-los que lhes torne impossível o diálogo, é porque a linguagem que utilizam – a da improvisação – é uma epidérmica resposta a um entorno social, político, económico e cultural que ganhou dimensões planetárias, nivelando por baixo as diferenças.

O nome Akira Sakata tem dimensão de lenda: foi um pioneiro do *free jazz* no Japão e um dos primeiros daquele país a mostrar no exterior que havia uma forma nipónica específica de tocar o jazz da liberdade. A sua associação a Manfred Schoof e a presença nos principais festivais europeus nos anos 1970 internacionalizaram-no definitivamente. Depois veio o jazz de fusão, muito graças à sua associação com Bill Laswell, que o aproximou do rock e da chamada *world music*.

Quando a sua atividade paralela como biólogo marinho parecia tê-lo absorvido, voltou às lides no dealbar do terceiro milénio com novas parcerias, a exemplo das firmadas com Jim O'Rourke e Chris Corsano, músicos com investimentos idiomáticos plurais e menor idade, que lhe permitiam apostar na renovação da sua própria linguagem. Finalmente, encontrou pelo caminho o ainda mais jovem Giovanni Di Domenico.

Este representa bem um novo tipo de improvisador que integra uma imensa variedade de influências num estilo sincrético, e daí que o encontremos habitualmente com instrumentistas de semelhante perfil como Nate Wooley, Arve Henriksen e Tetuzi Akiyama. O duo do pianista transalpino com um peso pesado do jazz significa, pois, um desafio muito especial, mas o certo é que não se coloca na sombra de Akira Sakata – este é um encontro entre iguais, e por isso o disco que gravaram juntos intitula-se *Iruman*, palavra japonesa derivada do Português “irmão”.

Two generations are brought together by Akira Sakata and Giovanni Di Domenico, born in 1945 and 1977 respectively. The language they both use – improvisation – is their apparent response to our current globalised social, political, economic and cultural world that tends to trivialise our differences. The legendary Akira Sakata pioneered free jazz in Japan, gaining an international projection in the 1970s, and later moving on to fusion, rock and world music. His work with the Italian pianist Giovanni Di Domenico is a meeting of equals that has resulted in the album *Iruman* (Brother).

Comunidade de Leitores

A Arte de Envelhecer
por Helena Vasconcelos



Rembrandt, Autorretrato, 1660 · Pintura a óleo no Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque (pormenor)

QUINTAS-FEIRAS
DE 16 DE JANEIRO
A 20 DE MARÇO

Sala 1 · 18h30
Inscrições (limite 40
pessoas) na bilheteira da
Culturgest, pelo telefone
21 790 51 55 ou pelo e-mail
culturgest.bilheteira@cgd.pt

É um dado largamente difundido e verificado – embora não universalmente reconhecido – que a esperança de vida aumentou exponencialmente, nas últimas décadas. Um largo número de pessoas no planeta, com idade avançada, vivem mais intensamente e, os que podem, aproveitam com avidez esse tempo extra que lhes é proporcionado. Rembrandt foi um dos artistas que pintou a idade madura com mais nobreza e poder, evidenciando a dignidade da senescência.

Encontrar-se-á este fenómeno, também, na Literatura? Será possível criar heróis e heroínas trópegos, senis, distraídos, engelhados, confusos? Ou ficámo-nos com a ideia romântica, recuperada na década de 50 do século XX, da eterna e solar juventude – por isso era tão importante morrer cedo – dos corpos sem mácula dos jovens efecos e das donzelas sensuais e voluptuosas?

As obras que propomos para este ciclo colocam estas e outras questões: da estranha simetria entre o livro de Banville e o de Schlink, com as óbvias distâncias, à meditação sobre a glória e a inveja ironicamente tratadas por Lodge, na sua recriação do ocaso de Henry James, recuperadas ainda por Bellow, em *Ravelstein*; da trágica e cómica situação de Edna, no livro de Savage, ao conflito de gerações e hábil trama do curto romance de Welty, tudo leva a crer que este território da ficção, das memórias e da biografia romanceada (*Autor, Autor*) é digno de análise e de discussão.

Helena Vasconcelos

16 de janeiro
Luz Antiga, John Banville,
ed. Porto Editora

23 de janeiro
Recordações de Edna,
Sam Savage, ed. Planeta

13 de fevereiro
Autor, Autor, David Lodge,
ed. Asa

20 de fevereiro
A Filha do Optimista, Eudora
Welty, ed. Relógio D'Água

13 de março
Ravelstein, Saul Bellow,
ed. Quetzal

20 de março
O Leitor, Bernhard Schlink,
ed. Asa

Although not universally acknowledged, it is widely known that life expectancy has risen exponentially over the last few decades. Many people of an advanced age live more intensely, eager to make the most of the extra time left to them. Rembrandt was an artist who painted with greater power and distinction in his later years, bringing dignity to old age. Do we find this phenomenon in literature too? Can heroes be created that are senile, doddering, wrinkled and confused? Or do we maintain the romantic idea of eternal youth? This latest cycle of reading will examine these and other questions.

Kachupada

Carmen Souza



SEX 17 DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
14€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Voz Carmen Souza **Contrabaixo** Theo Pas'Cal
Percussões Elias Kakomanolis **Piano** Filipe Melo

Carmen Souza nasceu em Lisboa (1981) de uma família cabo-verdiana. Cresceu falando crioulo e português, rodeada da maneira de viver dos seus pais. Autodidata, cantou num grupo português de *gospel*.

Descoberta, aos 17 anos, pelo baixista Theo Pas'Cal, que se tornou no seu produtor e mentor, rapidamente constrói um som inconfundível, servido por um timbre e uma técnica vocal únicos e de grande beleza, uma grande amplitude de voz, que vai buscar as suas raízes à cultura cabo-verdiana, mas também aos ritmos tradicionais africanos ou ao jazz (tem-se apresentado em alguns dos mais reputados festivais de jazz internacionais).

Com uma carreira fulgurante, gravou já seis discos, o último dos quais, *Kachupada*, está na base do concerto desta noite.

Carmen Souza tem feito digressões pela Europa, Estados Unidos, África, Japão ou Coreia, com atuações louvadas pela crítica e recebidas com entusiasmo pelo público. Os seus discos também têm merecido excelentes referências nos meios de comunicação e várias recompensas.

Carmen Souza é uma artista com um talento imenso e uma originalidade surpreendente.

Born in Lisbon in 1981, Carmen Souza grew up speaking Creole and Portuguese and began singing gospel in a Portuguese group. Discovered by the bass player Theo Pas'Cal, who became her producer and mentor, she soon created her own unmistakable sound, with a voice range rooted not only in her family's Cape Verdean culture, but also in traditional African rhythms or jazz. With an already glittering career, she has recorded six albums, and her latest release, *Kachupada*, forms the basis for tonight's concert. Highly acclaimed by the critics, Carmen Souza is a huge and surprisingly original talent.

A voz de Souza paira e precipita-se sobre as melodias de uma forma encantadora e cativante. Pode cantar em scat [técnica criada por Louis Armstrong que consiste em cantar sem palavras, com palavras sem sentido ou sílabas, como “ba ra ba bum”] ou fazer qualquer outra coisa e tudo soa simplesmente como a música mais deslumbrante que ouviu na sua vida.

The Joy Of Violent Movement

Carmen Souza é difícil de classificar, mas fácil de gostar.
Aurgasm

[www.facebook.com/
carmensouzaofficial](http://www.facebook.com/carmensouzaofficial)
www.carmensouza.com

Samara Lubelski

Ciclo de concertos comissariado por Filho Único



SEX 17 DE JANEIRO

CULTURGEST PORTO

22h · Duração aprox. 40 min.

5€ (preço único)

M3

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da Culturgest Porto e no dia do espetáculo (a partir das 19h), até à hora de início do mesmo.

Violino acústico amplificado e processamento de efeitos

Samara Lubelski

Não raras vezes descrita como uma música predileta dos músicos, Samara Lubelski, nova-iorquina nada e criada, é uma das mulheres com maior impacto no universo independente de produção de música mais arrojada. Criada no Lower East Side da Big Apple (antes da gentrificação) e rodeada de arte por todos os lados desde muito jovem, Samara Lubelski já viu décadas passar na cidade onde as décadas condensam o que noutra sítio poderiam ser séculos de acontecimentos, sempre com um juízo crítico apuradíssimo e o maior dos entusiasmos por todos os que arriscam com destreza e engenho. Cofundadora dos Hall Of Fame, baluartes locais do ruído e da canção anglo-saxónica desmontada, parte integrante e colaboradora regular vai para mais de 15 anos nos Tower Recordings e em outras formações do guru Matt Valentine, gravou uma série de discos importantes do rock *underground* – de *Arrived in Gold* dos Sightings, a *Blueberry Boat* dos Fiery Furnaces. Hoje em dia toca ativamente com Thurston Moore nos seus Chelsea Light Moving, quarteto que o ex-Sonic Youth criou após a hibernação da sua banda de sempre, e que editou em 2013 o seu homónimo álbum de estreia na Matador Records, precedido e sucedido por digressões um pouco por todo o Ocidente e Oceânia. Nesta sua atuação solo na Culturgest Porto, Samara vem apresentar o seu trabalho para violino acústico amplificado e processamento de efeitos, para esculpir momentos em paisagem sonora, que remontam para o clássico *Catch Wave* de Takehisa Kosugi (pelo timbre e instrumentação), como para a escola psicotrópica de uns Taj Mahal Travellers, pela maleabilidade molecular do som, e pela invulgar ordem sucessiva dos acontecimentos no movimento da música, muito para lá dos exercícios mânticos do minimalismo. Com *In The Valley* editado em 2003 na Eclipse, como ponto de referência deste seu registo de violino solo, Samara verá sair em breve novo LP neste formato na belga Ultra Eczema.

Filho Único

Frequently described as a musicians' musician, New York born and bred Samara Lubelski was surrounded by art from an early age. Co-founder of Hall of Fame, and a member of Tower Recordings and other bands formed by the underground guru Matt Valentine, she has also produced records by Sightings and The Fiery Furnaces. She now plays with ex-Sonic Youth member Thurston Moore in his band Chelsea Light Moving. At Culturgest Porto, Samara will give a solo performance of her work for amplified acoustic violin.

Corpo-Subjétil: Experiência de um corpo cartográfico

por Renato Ferracini

QUA 22 DE JANEIRO

Pequeno Auditório

17h · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Renato Ferracini trabalha há 20 anos no grupo de teatro Lume e consegue articular a sua prática de ator com uma iluminadora reflexão teórica inspirada tanto em alguns dos grandes mestres do teatro do século XX (como Grotowsky, Stanislavski e Artaud) como em filósofos importantes como Deleuze, Guattari, Foucault, José Gil. No final do curso que vem dar ao Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Nova de Lisboa, sintetiza numa *masterclass*, interativa e com exemplos do seu trabalho, como o corpo pode procurar desenhar outras expressividades por meio de uma busca constante de escuta do mundo e de si mesmo, calcada na sutileza da percepção, dos gestos, dos movimentos, dos olhares, do espaço e como essa procura pode ser transformada em ações poéticas para uma montagem cênica teatral.

Renato Ferracini é ator-pesquisador desenvolvendo pesquisas teórico práticas no LUME – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa Teatrais e no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. É investigador dos principais órgãos de fomento à pesquisa do Brasil: CNPq, FAPESP e CAPES e possui vários livros publicados, como *A arte de não representar como poesia corpórea do ator* (Unicamp, 2003) ou *Ensaio de Atuação* (Perspectiva, 2013).

For the past 20 years Renato Ferracini has participated in the Lume theatre group, combining his work as an actor with theoretical reflections on the works of the great 20th-century masters of the theatre (Grotowsky, Stanislavski and Artaud) and major philosophers such as Deleuze, Guattari, Foucault and José Gil. At the end of the Master's Degree course that he teaches in Performing Arts at Universidade Nova de Lisboa, he gives an interactive master class, synthesising how the body can draw upon other forms of expression, using gestures and movements to produce poetic theatrical performances.



Você, pelo grupo de teatro Lume © Adalberto Lima

Fica no Singelo

pela Companhia Clara Andermatt



© Ivo Canelas

SEX 24, SÁB 25
DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Na sexta-feira 24, após o espetáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Direção e coreografia Clara Andermatt **Direção musical** Luís Pedro Madeira e Clara Andermatt **Composição** Luís Pedro Madeira **Desenho de luz** José Álvaro Correia **Figurinos** José António Tenente **Paisagem sonora eletrónica** Jonas Runa **Intérpretes criadores** André Cabral, Bruno Alves, Francisca Pinto, Joana Lopes, Linora Dinga, Sergio Cobos, Catarina Moura, Luís Peixoto, Quiné **Consultadoria e pesquisa antropológica** Sophie Coquelin **Reportório de danças tradicionais** Mercedes Prieto e Ana Silvestre **Produção** Companhia Clara Andermatt **Parceria** Pé de Xumbo **Apoio** Musibéria **Coprodução** Culturgest, Teatro Nacional S. João, Teatro Viriato e Centro Cultural Vila Flôr

Costumes que exprimem a alma. A nossa, a de agora e de um outro tempo. Um tempo-terreno vinculado aos ciclos da natureza, circular e mutante.

Nos rituais, nas celebrações, nas vozes, nas histórias, no trabalho...

Tudo envolve o corpo, a dança e a música. Do vazio ao Amor. Cadências repetitivas que atenuam o cansaço, e estimulam o fôlego. Por necessidade e defesa o corpo chega a estados hipnóticos.

Somos apenas nós e nós com o outro, somos todos porque é preciso, porque se quer. Na companhia, na crença, na tarefa, no apaziguar da solidão.

Em roda, em linha. Em pares, em bando.

Momentos de espera ou humildade ou beleza ou alegria. Assim, singelo.

Habits that bare the soul, both now and in the past.

A time and a place connected to Nature's cycles, circling and forever changing.

Rituals, celebrations, voices, stories, and work...

They all involve the body, the dance and the music.

Be it emptiness or love.

Repetitive movements alleviate our tiredness and replenish our breath.

Out of necessity and as a defence, the body reaches a hypnotic state.

There is just us, us with the other and us together whenever there is a need or a will.

In moments of togetherness, of prayer, of work, of easing our loneliness.

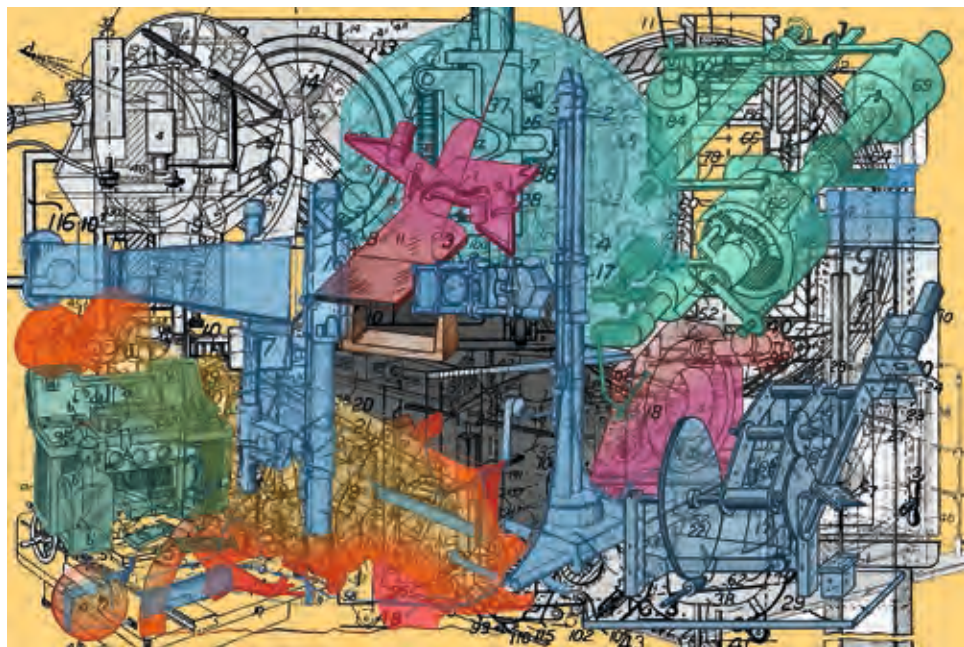
Moving in circles, in lines, in pairs, in groups.

Moments of waiting or of humility, beauty or joy.

Just like that. Simply.

Empreender e Financiar Projetos nas Indústrias Criativas

Workshops de criação de iniciativas em todas as Indústrias Criativas e atividades conexas



Manuel Furtado dos Santos. X Ray Apparatus, 2013. Imagem gentilmente cedida pelo artista

SÁBADOS
DE 1 DE FEVEREIRO
A 15 DE MARÇO

Sessão inaugural
Sábado, 1 de fevereiro, Sala 2
Quatro Workshops Práticos
Sábados, 15 e 22 de fevereiro;
1 e 15 de março, Sala 3

Informações sobre as inscrições para a sessão inaugural e candidaturas para os workshops no site www.culturgest.pt/actual/01/industriascriativas.html

Coordenador J. Arthur Vasconcelos, Mentor na Fábrica de Startups
Com a participação de Fábrica de Startups, PPL Crowdfunding, WSI We Simplify the Internet, PArt

Muitos Projetos nas Indústrias Criativas e Artes começam como excelentes ideias e depois desaparecem porque não conseguem concretizar uma boa proposta e obter apoios e financiamento. Nestes *Workshops* de Criação de Projetos os participantes terão a oportunidade de desenvolver o seu Projeto nas Indústrias Criativas desde a ideia até uma proposta concreta e sólida que terá uma maior probabilidade de ser financiada e apoiada.

Estes *workshops* práticos destinam-se a produtores, promotores, diretores, empreendedores e criadores em qualquer área das Indústrias Criativas (incluindo: Antiguidades, Arquitetura, Artes Performativas, Artes Visuais, Artesanato, Cinema, Vídeo, Audiovisual, Design,

Design de Moda, Edição, Joalheria, Música, SW e SW educacional, Televisão e Rádio), individuais ou em equipas de dois a quatro elementos, que desejem desenvolver um projeto concreto utilizando uma metodologia robusta e testada. Todas as expressões são incluídas e a diversidade é encorajada.

No final dos *workshops* práticos os participantes terão conseguido concretizar as suas ideias incluídas nas Indústrias Criativas numa proposta sólida. A metodologia será aplicável a outros projetos futuros e dará uma base forte para poderem apresentar os seus projetos para financiamento e execução. Haverá seis momentos: uma sessão inaugural de fundação e divulgação, quatro *workshops* práticos, e uma sessão final de apresentação pública dos melhores projetos.

Many projects in the creative industries and arts start out as excellent ideas and then disappear because they can't produce a good enough proposal to obtain the necessary funding. Aimed at producers, promoters, managers, entrepreneurs and creators in any of the creative industries, these workshops offer participants the chance to develop their own project from the idea to the concrete proposal, with a methodology that can be used in future projects. There will be an introductory session, followed by 4 practical workshops and a final session for the public presentation of the best projects.

1 de fevereiro Sessão Inaugural e fundação
Concretizar o seu Projeto nas Indústrias Criativas. Do sonho à realização. O Modelo de Projeto.

15 de fevereiro Workshop 1
Criar uma Proposta robusta. Os novos meios da Internet e seu impacto no seu Projeto. O público e os públicos. O nosso Projeto é viável?

22 de fevereiro Workshop 2
O Projeto Mínimo Viável. Conceito, recursos, logística, custos e as relações a estabelecer com o público. O que faz a diferença no nosso Projeto?

1 de março Workshop 3
Fontes de financiamento: Fontes institucionais e privadas (nacionais e internacionais) Gerar financiamento, gerar receitas. As alianças e parcerias. O que consideram os financiadores?

15 de março Workshop 4
Planear a execução do Projeto. Continuidade, tração, noções fundamentais de marketing. Como gerir o nosso Projeto?

Última sessão
Apresentação pública dos melhores Projetos (em data e local a anunciar.)



Hootenanny

Ciclo comissariado por Ruben de Carvalho

DE SÁB 1 A QUI 6
DE FEVEREIRO

Mais *blues* na Culturgest – e a manutenção de uma novidade do ano passado: a presença de uma banda portuguesa.

Na sua origem, o ciclo Hootenanny teve exatamente a ideia de contribuir para contrariar que muitas expressões de música tradicional e popular norte-americana se mantivessem no esquecimento em que se quedam face às comercialmente mais poderosas – rock, pop.

No primeiro ano fomos até aos Appalaches e ao Kentucky, mas a verdade é que ainda falta muito (muito do *bluegrass*, influências hispânicas da Califórnia, *cajun* da Louisiana, o peculiar *klezmer* de Nova Iorque...)

Entretanto, temos andado pelos *blues*! Diz-se que com geral agrado... E assim, voltaremos!

Uma explicação de certa forma se impõe: em rigor, são sobretudo os *blues* eletrificados, mais modernos, mais a Norte e não os do Delta, os que temos trazido. É que não é fácil. O tempo passa – e o Katrina passou em New Orleans. Além das leis impla-

cáveis da vida, a tragédia dispersou para longe da Crescent City milhares de intérpretes. Muito se perdeu. Muito se continuou a sofrer.

Significativamente, o guitarrista da banda portuguesa de 2014, ao explicar a opção pela sonoridade do seu grupo, a que cintilantemente o entrevistador chama «eletrificada e abrasiva, cúmplice com a matriz rock 'n' roll», responde: «O *blues* rural, não conseguiria jamais tocá-lo pois não tenho idade nem acumulei o sofrimento suficiente. Os homens e mulheres que tocavam esse *blues* carregavam o mundo às costas e são, a meu ver, seres artisticamente superiores.»

Blues people na Culturgest.
Ruben de Carvalho

Yet more blues at Culturgest, once again with the inclusion of a Portuguese band. Hootenanny were formed with the specific aim of ensuring that many varieties of traditional and popular American music would not be forgotten given the impact of its more powerful commercial rivals – rock and pop. Strictly speaking, we will be bringing you the northern and more modern electrified form of the blues

and not the traditional Delta blues. The guitarist of the Portuguese band explains this choice: “I’ll never truly be able to play country blues because I’m not old enough and haven’t suffered enough.”

Big James & the Chicago Playboys

SÁB 1 DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Trombone, voz Big James
Trompete Charles Pryor
Teclados Joe Blocker
Bateria Brian Parker **Guitarra** Charles Edward Wooten
Guitarra baixo Derek Bass

Com uma sonoridade assumidamente *Chicago Blues*, os Chicago Playboys de James Montgomery apresentam alguns traços originais.

O primeiro reside no facto de a primeira figura e voz do grupo ser trombonista. Se a guitarra elétrica já é o instrumento dominante dos *front liners* de Chicago, mesmo no conjunto do naipe de sopros não é frequente este destaque concedido ao trombone. Fácil se torna concluir que isto determina uma sonoridade bem própria.

Em segundo lugar, as duas décadas dos Chicago Playboys iniciaram-se de forma comum, mas a sua continuidade não o é tanto. Foi em 1990, que “Little” Johnny Christian, veterano

cantor de *blues* com larga carreira também como baixista, promoveu a constituição de um suporte próprio, optando ele exclusivamente pela voz. James Montgomery não apenas se tornou peça fundamental como arranjador e músico, como até pelo próprio batismo da banda! Com ele trazia uma experiência de trabalho com músicos como “Little” Milton e Albert King.

Johnny Christian faleceu em 1993, mas a sonoridade dos metais granjeou especial fama. Este prestígio levou a que os seus companheiros optassem por um novo fôlego, decisão que a extensa lista de prémios e o prestígio público conseguido nas duas décadas seguintes demonstraram inteiramente acertada.

Playing what is unmistakably Chicago Blues, James Montgomery’s Chicago Playboys display some original features. Firstly, the group’s leading figure and vocalist is the trombonist, which obviously gives them a quite distinctive sound. Secondly, although the Chicago Playboys began in a fairly normal way, their continued success is quite unusual. In 1990, “Little” Johnny Christian, a veteran blues singer and bass player, was looking for the chance to work with just his voice and needed a band. Christian died in 1993, but his band and their brass section have created their own fame and prestige.



Budda Power Blues

SEG 3 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
5€ (preço único)

M3

Guitarras, voz Budda
Bateria Nico Guedes
Baixo Tó Barbot

Com quatro álbuns já gravados, os Budda Power Blues têm uma significativa trajetória. Pese a preferência do seu líder, vocalista e guitarra Budda, pelos *blues*, exatamente com a mesma composição o conjunto reuniu-se tocando um estilo bem mais convencional: rock! Entretanto – os *blues* ganharam! A bateria de Nico Guedes e o baixo de Tó Barbot renderam-se aos doze compassos e a banda iniciou uma carreira, não só em disco, mas com largo número de presenças em palco, incluindo primeiras partes de concertos como Sherman Roberts e Shemekia Copeland.

A personalidade da banda é bem marcada pelas palavras de Budda:

«O poder cru de um *power trio* sem truques na manga é e sempre foi a minha cena. Acho mais interessante vencer as dificuldades do que contor-

ná-las. E uma banda pequena tem muitas dificuldades no que toca a sonoridade, diversidade e fuga à monotonia. Em trio não é possível entrar o Hammond naquela parte, ou o piano noutra, ou a secção de sopros na outra. Tudo depende de voz, guitarra, baixo e bateria. As *nuances* dos temas e os próprios arranjos estão à mercê desses instrumentos. E dessa forma voltamos um pouco ao conceito das raízes onde um homem só tocava guitarra e cantava e nada mais era necessário.»

www.facebook.com/buddapowerblues
www.mypace.com/buddapowerblues



Budda Power Blues have already made four albums. Although the band's leader, singer and guitarist was a definite blues fan, the group soon began to play in a more conventional style: rock! Yet, eventually, the blues prevailed! Drummer Nico Guedes and bass player Tó Barbot surrendered to the sound of 12-bar blues and the band began a career of their own, not only recording, but also performing live and playing as the support group for several famous acts. According to Budda, the trio's music depends entirely on the voice, bass and drums, making it easier for them to return to their roots.

Eden Brent Band

QUA 5, QUI 6
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h30
5€ (preço único)

M3

Piano, voz Eden Brent
Baixo Robert Dowell
Bateria Patrick Levett

É, desde o século passado até hoje, uma curiosa constante do jazz e dos *blues* o elevado número de cantoras que se acompanham ao piano, ganhando mesmo também prestígio como pianistas. Eden Brent, com uma carreira que já inclui digressões europeias e galardões vários nos Estados Unidos, tem contudo a particularidade de constituir uma “linhagem” musical iniciada quando, nos anos 60, um já famoso pianista nascido na Georgia, Abie “Boogaloo” James, decidiu regressar para o Sul após mais de 30 anos em Detroit (onde o seu prestígio o levava a integrar a famosa banda de estúdio da Tamla Motown).

Instalado em Greenville, no Mississippi, em 1980 “Boogaloo” decidiu transmitir o seu *boogie woogie* a uma jovem local,

pouco tempo tardando para que começassem a ser solicitados para espetáculos conjuntos (uma enraizada tradição do estilo) e se traduziria num trabalho regular e na filmagem de *Boogaloo and Eden: Sustaining the Sound*, um interessante documentário sobre um pianista negro nos seus 80 anos e a sua discípula branca nos trinta e poucos, premiado em diversos festivais.

Após o desaparecimento de Abie James em 2002, Eden prosseguiu a sua carreira própria, com diversas formações (solo, trio e quinteto), sendo frequentemente solicitada para atuações com orquestras e gravações.



© Julia Bailey

One of the continuing curiosities of jazz and blues is the number of singers who also play piano. Eden Brent belongs to a musical “lineage” that began in the 1960s when Georgia-born Abie “Boogaloo” James decided to return south after more than 30 years in Detroit. Settling in Mississippi in 1980, “Boogaloo” decided to pass his boogie woogie on to a young local musician, and the 80-year-old black pianist and his 30-year-old white disciple soon began to play together. Since James’ death in 2002, Eden has continued his own career, frequently playing with orchestras and making recordings.

Economia: uma ciência que transforma o mundo?

por José Castro Caldas



TERÇAS-FEIRAS
4, 11, 18 E 25 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha
de acesso 30 minutos antes
de cada sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências
será transmitido no site
www.culturgest.pt

4 de fevereiro

Economia: uma filha de pais
incógnitos

11 de fevereiro

Os valores da “ciência positiva”

18 de fevereiro

A Economia e a Grande
Recessão

25 de fevereiro

Outras Economias

Em julho de 2009, a revista *The Economist* fazia capa com a pergunta “O que correu mal com a Ciência Economia?” e ilustrava-a com uma imagem de um manual intitulado “Moderna Teoria Económica” a derreter-se sob o efeito das ondas de calor da crise.

A “Moderna Teoria Económica” a que *The Economist* se referia é uma espécie de engenharia dos mercados. No passado esta engenharia representava apenas uma entre várias correntes do pensamento económico, mas nos últimos trinta anos tornou-se dominante no ensino da disciplina em todo o mundo, passando a ser confundida com a própria Economia. Interrogando-se sobre o que correu mal com a “Moderna Teoria Económica”, *The Economist* dava expressão à percepção pública de que esta Economia e os economistas eram responsáveis de alguma forma pela crise.

Pode uma ciência social ser responsável por uma crise social? Quando se transforma numa engenharia, pode. A “Moderna Teoria Económica” mais do que compreender o mundo tem participado ativamente na construção desse mundo. Tem-no feito influenciando as políticas e por essa via transformando as instituições, condicionando os comportamentos e modificando os valores.

Cinco anos passados deste número da *The Economist* a reputação da Economia e dos economistas não se recompôs. No entanto, a sua engenharia continua a ser influente, determinante mesmo das políticas de reparação dos estragos que ela própria originou. É assim porque no mundo que esta engenharia ajudou a construir a economia tende a ser confundida com a natureza.

José Castro Caldas é doutorado em Economia. Atualmente é investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES).

Anteriormente foi professor do Departamento de Economia do ISCTE. Os seus principais interesses de investigação atuais incluem a deliberação individual e coletiva, a economia institucionalista e a história da economia.

In July 2009, the cover of *The Economist* asked “What went wrong with economics?”, illustrating the question with the picture of a book entitled “Modern Economic Theory” melting under the heat of the crisis. The “Modern Economic Theory” referred to here is a kind of engineering of the markets. In asking this question, *The Economist* voiced the generally held impression that economics and economists were somehow responsible for the crisis. Five years later, the public still has the same perception, but the engineering continues, playing a part in trying to repair the very damage that it caused.

Met Opera Live em HD

Transmissões em diferido da Metropolitan Opera

The Metropolitan Opera

HD LIVE



Rusalka, de Antonín Dvořák

DOM 9 DE FEVEREIRO

Grande Auditório

11h e 16h · 17€

M3

Descontos únicos

Maiores de 65 anos: 30%

Jovens até aos 25 anos: 50%

A Culturgest tem muita honra e prazer em colaborar com a Fundação Calouste Gulbenkian, numa altura em que o Grande Auditório desta instituição se encontra em obras, acolhendo a transmissão em diferido de várias óperas da Metropolitan Opera, que integram um dos ciclos da temporada Gulbenkian Música.

Rusalka · Antonín Dvořák Duração aproximada: 4h
Maestro: Yannick Nézet-Séguin · Produção: Otto Schenk
Elenco: Renée Fleming, Emily Magee, Dolora Zajick, Piotr Beczala, John Releya

Culturgest is delighted and honoured to be able to collaborate with the Calouste Gulbenkian Foundation at a time when the latter institution's Grand Auditorium is undergoing major refurbishment work. We will be offering deferred coverage of several operas performed by the Metropolitan Opera, included in one of the cycles of the Gulbenkian music season.

Sobre o trabalho da montagem em artistas que usam o filme

Encontros com os filmes de James Benning, Peter Hutton, Larry Gotheim, Arthur Cantrill, Corinne Cantrill e vídeos de Sérgio Taborda



Ten Skies, de James Benning, EUA, 2004 · Filmstill, Arsenal – Institut für Film und Videokunst.e.V

QUA 12, QUI 13, SEX 14
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
3,50€ (preço único)

Quarta, 12 de fevereiro
21h30

James Benning

One Way Boogie Woogie/27 years later, EUA, 1977-2004, 16mm, cor, sonoro, 120'

Quinta, 13 de fevereiro
21h30

James Benning

Ten Skies, 2004, 16mm, 101'

Sexta, 14 de fevereiro
18h30

Sérgio Taborda

Sequência 7 – Sequência 8, 2002-2013, MiniDV, 60'

Sexta, 14 de fevereiro
21h30

Peter Hutton

New York near sleep for Saskia, 1972, 16mm, 8'

Images of Asian Music: A Diary from Life, 1973-1974, 16mm, 26'

Larry Gotheim

Burn Rushes, 1971, 16mm, 30'

Arthur Cantrill,

Corinne Cantrill

Heat Schimmer, 1978, 16mm, 12'

Conceção Sérgio Taborda

Uma proximidade atenta ao que acontece e se manifesta fisicamente no quotidiano onde se está e se vive enquanto aparece – a duração do que aparece – e a capacidade própria para nos colocar no aparecer do acontecimento, atravessa o núcleo de filmes que se irão ver no decorrer deste ciclo de filmes e vídeos acolhido pela Culturgest com escolhas que fiz enquanto artista-investigador residente no Arsenal – Instituto do filme e vídeo arte em Berlim, entre 2010 e 2013, com uma bolsa de investigação individual pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

As escolhas destes filmes pertencentes ao arquivo do Arsenal foram decididas a partir dos *encontros* que fui tendo ao visionar filmes de James Benning, Peter Hutton, Larry Gotheim, Arthur Cantrill, Corinne Cantrill, da experiência de vê-los e do que suscitaram ao vê-los e não tanto de um programa previamente definido. *Encontros* no sentido daquilo que estes filmes revelam da maneira como são filmados; o que se filma – a natureza singular dos acontecimentos capturados – as decisões tomadas do que entra em campo na imagem, deixando tempo para nos envolvermos com o que acontece, que imerge com uma duração própria e não como algo que resulta e se resolve posteriormente, manipulando na montagem a sua edição final.

Como é que enquanto espectadores diante destes filmes apreendemos o tempo de um acontecimento, e em que medida é que essa situação nos confronta com questões de percepção do tempo que são de outra natureza das que o cinema levanta – embora diretamente envolvidas com a modelação cinematográfica do tempo –, são algumas das perguntas suscitadas pelas decisões de montagem que estes filmes revelam.

Entre *mostrar* e *montar* um acontecimento, molda-se nos diferentes gestos de montagem implicados nestes filmes um outro uso do *intervalo* da *interrupção* e do *corpe* criado entre imagens ou no fluxo de uma imagem.

As imagens surgem deste modo ao espectador de uma forma radicalmente diferente das imagens vividas no cinema, abrindo um campo.

Sérgio Taborda

Close attention to the physical manifestations of everyday life and the ability to place us in the very midst of these events are the distinctive hallmarks of the films and videos shown in this cycle. Based on choices that Sérgio Taborda made as a resident artist-researcher at Arsenal – Institute for Film and Video Art in Berlin, these films cannot be divorced from the experience of singular physical events and need to be seen from beginning to end in their original 16mm formats, so that spectators can relate to the duration of an event and question how this is shaped by the films' editing.

Quarta, 12 de fevereiro, 21h30
James Benning

One Way Boogie Woogie/27 years later, EUA, 1977-2004, 16mm, cor, sonoro, 120'

O filme com que o ciclo começa foi dos primeiros *encontros* que tive logo na segunda sessão de visionamento na moviola da sala dos projetionistas do arquivo de filmes do Arsenal (Berlim) em março de 2010. Filmado em 1977 na região de Milwaukee (Wisconsin) onde James Benning nasceu, decide aí voltar para retomar em 2004 as mesmas ações nos locais onde filmou 27 anos antes – com subtis mudanças nalguns casos – e nesse intervalo é a própria erosão que o tempo imprimiu nos sítios que passa nas imagens do filme.

Quinta, 13 de fevereiro, 21h30
James Benning

Ten Skies, 2004, 16mm, 101'

Filmado em Val Verde, Califórnia, *Ten Skies* capta mudanças das massas de nuvens, luz e densidades dos céus em diferentes momentos dos dias e condições atmosféricas. A duração certa dos planos fixos, num total de dez, cada um com 10 minutos, coloca-nos de imediato num atento ponto de vista e de escuta do que aí aparece enquanto aparece. James Benning estudou em Los Angeles tendo começado por ter uma formação em Matemática – o que é relevante numa quantidade de operações de montagem e critérios de edição dos seus filmes baseados em equações mate-

máticas – fez um mestrado em Matemática na Universidade de Wisconsin, Milwaukee (1970) e mais tarde (1975) um mestrado em Artes Plásticas na Universidade de Wisconsin.

Sexta, 14 de fevereiro, 18h30 e 21h30

Sérgio Taborda

Sequência 7 – Sequência 8, 2002-2013, MiniDV, 60'

Peter Hutton

New York near sleep for Saskia, 1972, 16mm, 8'

Images of Asian Music: A Diary from Life, 1973-1974, 16mm, 26'

Larry Gotheim

Burn Rushes, 1971, 16mm, 30'

Arthur Cantrill,

Corinne Cantrill

Heat Schimmer, 1978, 16mm, 12'

Peter Hutton estudou escultura no San Francisco Art Institute com Robert Hudson, William Wiley, Bruce Nauman e Alan Kaprow que introduziu nesse contexto a ideia de

happenings. Frequentou as aulas de Bruce Conner e viu os filmes de Stan Brakhage e Robert Nelson. Em *New York near sleep for Saskia* (EUA, 1972), captura e monta uma série de observações quotidianas do que via do seu apartamento situado em Manhattan quando chegou a Nova Iorque em 1972, aonde decidiu ficar a viver, vindo da Califórnia. Em *Images of Asian Music: A Diary from Life* (1973-1974), monta imagens captadas diariamente, entre 1973 e 1974, numa viagem de navio da marinha mercante em que trabalhou com destino à Tailândia.

Larry Gotheim tem uma formação anterior em Literatura tendo feito um doutoramento em Literatura Comparada (Comparative Literature) na Universidade de Yale. Criou durante os anos 70 o departamento de filme em SUNY – Binghamton convidando, entre outros, Peter Kubelka, Ernie Gehr, Nicholas Ray a nele rea-

lizarem *workshops*. Trabalha em *Burn Rushes* (1971) a aproximação a um mesmo sítio/lugar situado algures nas imediações de Nova Iorque perto de onde vivia na altura e por onde passava todos os dias. Decide voltar ciclicamente a esse lugar captando algumas das suas mudanças físicas em lento *travelling* com a câmara dentro do carro em diferentes momentos do dia, durante dois meses seguidos.

Arthur Cantrill, Corinne Cantrill (nasceram em Sydney, Austrália, respetivamente em 1938 e 1928) têm realizado juntos filmes em 16mm desde 1960. Depois de terem trabalhado durante 4 anos em Londres onde Arthur Cantrill era editor de filmes na BBCTV regressaram à Austrália em 1969 com uma bolsa em Creative Arts na Australian National University em Canberra no decorrer da qual realizaram vários novos filmes. Desde essa altura concentraram-se na realização de filmes experimentais e filmes-*performances* entre os quais *Expanded Cinema*, um filme-*performance* apresentado em Melbourne em 1971. Têm mantido uma atitude de permanente investigação em diferentes direções de pesquisa; no modo como usam o filme (recorrendo a projeções em múltiplos ecrãs) na relação do filme com a *performance*, na exploração do plano fixo e na história do nascimento do filme.

Realizado na Austrália em 1978, *Heat Schimmer* foi um dos primeiros filmes envolvidos com a singular paisagem da

Austrália Central concentrado nas subtis mudanças provocadas pelas massas/ondas de calor que aí se acumulam e agem fisicamente de modo intenso sobre a luz do território que atravessam.

Esta proximidade com acontecimentos quotidianos nos filmes que juntei neste ciclo, encontra-se a seu modo no que capto e entra em campo do que retém a minha atenção onde quer que esteja e se me revele de maneira inesperada a qualquer instante. A atenção que o fixa e o tempo que passa.

No projeto de trabalho desenvolvido no contexto da bolsa individual de investigação pós-doutoramento da FCT (2010-2014) a vertente de investigação realizada no arquivo de filmes e vídeo do Arsenal em Berlim foi sendo acompanhada por uma crescente concentração no meu trabalho enquanto artista/investigador que usa o vídeo, tendo vindo a ser apresentado em sessões autónomas inseridas em anteriores ciclos de filmes por mim concebidos e projetados na Cinemateca em janeiro 2012 e março 2013.

No último dia deste ciclo, terá lugar uma primeira apresentação pública de novos trabalhos em vídeo editados em Berlim em 2012-2013 – *Sequência 7* e *Sequência 8* – encadeamento contínuo de acontecimentos colocados no interior de duas sequências (7 e 8) com durações muito precisas assinalados pelos nomes da rua, número da porta, cidade (ou aldeia) e anos (2012, 2002, 2013) em que os capturei: *Sequência 7* (25'30''):

Rua da Capela, 36 (Mucifal, 2012, 3'), *Rosa Luxemburg Strasse*, 15 (Berlim, 2012, 27''), *Neue Strasse*, 61 (Hamburgo, 2012, 4'49''), *Altamirano*, 45, *Col. San Rafael* (Cidade do México, 2012, 3'42''), *Rosa Luxemburg Strasse*, 15 (Berlim, 2013, 2'17''), *Rue de Velotte*, 2 (Montbéliard, 2012, 2'20''), *Rua Miguel Bombarda*, 553 (Porto, 2012, 3'), *Rua Miguel Bombarda*, 553 (Porto, 2012, 3'1''), *Rosa Luxemburg Strasse*, 15 (Berlim, 2012, 2'56'').

Sequência 8 (34'): *Rua Miguel Bombarda*, 267 (Porto, 2013, 1'38''), *Travessa do Almada*, 12 (Lisboa, 2013, 1'10''), *Rua das Chagas*, 20 (Lisboa, 2002, 8'12''), *Copan*, *Avenida Ipiranga*, 200 (São Paulo, 2013, 1'47''), *Rua Direita do Santo António*, 48 (Salvador Bahia, 2013, 10'55''), *Rue Raymond Losserand*, 76 (Paris, 2013, 2'43''), *Rue de Seine*, 6 (Paris, 2013, 1'21''), *Theodorsgraben*, 42 (Basel, 2013, 3'21''), *Bismarckstrasse*, 47 (Monchengladbach, 2013, 2').

Sérgio Taborda,
Lisboa-Mucifal-Berlim,
junho-setembro, 2013

Sérgio Taborda nasceu em 1958, Vila Nova de Poiares (Coimbra). Vive e trabalha em Berlim e Lisboa.

Atualmente é artista/investigador residente no Arsenal-Institut für Film und Video-Art em Berlim onde vive e trabalha no âmbito de uma bolsa individual de investigação pós-doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia de 2010 a 2014.



Sequência 8, de Sérgio Taborda, Lisboa-Berlim, 2002/2013

Day For Night

de Cão Solteiro & André Godinho

DE SEG 17 A QUA 19
DE FEVEREIRO

Grande Auditório
(lotação reduzida)
21h30 · Duração: 1h30
12€ · Até aos 30 anos: 5€

M12

Autoria do projeto Cão Solteiro & André Godinho
Em cena, um realizador, uma pequena equipa de cinema, três atores e dois figurantes.

Em *Play, The Film* – a anterior colaboração de Cão Solteiro e André Godinho – teatro e cinema relacionavam-se formando uma unidade em que ambos eram identificáveis; em *Day For Night* os territórios confundem-se e os diversos elementos de cena transitam de um para o outro, produzindo no final objetos distintos: um espetáculo de teatro e um filme.

O palco é aqui transformado em estúdio de cinema.

A ação teatral desenrola-se ao longo da filmagem de três cenas cujo registo é efetivamente feito durante o espetáculo.

Três cenas, três *décors* diferentes, um espetáculo em três atos.

O mecanismo cinematográfico está todo à vista, em tempo real – atores e técnicos que são simultaneamente eles mesmos e personagens, em trânsito entre bastidores e cena, mudanças de plano, trocas de cenografia e figurinos, espera entre *takes*, pausas para beber café.

Este espetáculo é um jogo de espelhos onde ao artificialismo do teatro disfarçado de realismo – porque o filme está de facto a ser filmado – é contraposto o artificialismo do cinema e do seu conhecido efeito de realidade.

Espectáculo e filme podem ser vistos separadamente como objetos independentes e de sentido próprio.

Depois de *Shoot the Freak* em 2010 e *Top Models: Paula Sá Nogueira (um bestiário)* em 2012 (ambos com André e Teodósio), o Cão Solteiro regressa à Culturgest, agora diferentemente acompanhado. André Godinho é realizador de curtas-metragens e documentários; tem colaborado com o Teatro Praga e o Cão Solteiro.

In *Play, The Film* – an earlier collaboration between Cão Solteiro and André Godinho – theatre and cinema were interrelated in such a way that, although they formed a united whole, both media could still be separately identified; in *Day For Night*, the boundaries between these territories become blurred and the various elements of performance are switched from one to the other, producing distinct objects at the end of the process: a theatre performance and a film. The stage is transformed into a film studio. The theatrical action involves the shooting of three scenes, which are effectively filmed during the performance. The cinematic apparatus is completely visible in real time. This show is a game of mirrors between theatre and cinema, between real and artificial.



© João Couto C

Festival RESCALDO



© Travassos

SEX 21, SÁB 22, QUI 27,
SEX 28 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · 6€ (preço único)

M3

O festival decorre de
20 de fevereiro a 1 de março
na Culturgest e na Trem Azul.

Toda a informação em
www.festival-rescaldo.info

Produção Culturgest/Trem Azul **Comissário** Travassos
Textos Rui Dâmaso **Parceiros de comunicação** Wake Up
Ilustração **RESCALDO** Travassos

O Festival RESCALDO regressa, dando sequência ao trabalho dos últimos seis anos, determinado a pôr em evidência alguma da mais significativa produção nacional no panorama das músicas de vanguarda – nos mundos da eletrónica, da livre improvisação e das tangentes ao vasto espectro do rock e do jazz – assinalando não apenas figuras de indiscutível importância, mas também projetando para um novo patamar nomes que constituem promessas sólidas da criação nacional contemporânea.

Entre a Culturgest e a Trem Azul, são propostos doze concertos e um dj-set, respeitando a premissa de colocar, lado a lado, músicos de diferentes origens e *backgrounds*, de influências e estilos diversos, celebrando uma cada vez maior diversidade e universalidade: pela primeira vez, são programados encontros entre nomes nacionais e músicos oriundos de outros países, no que é um retrato também fiel da cada vez maior abertura e internacionalização da música criativa portuguesa.

Pelos diversos espaços e mundos sonoros oferecidos pelo RESCALDO, promover-se-á, acima de tudo, o encontro: de músicos, de públicos, de estéticas, naquela que é já a 7.ª edição de um certame cujo papel é, desde o seu início, de fundamental importância na compreensão da contemporaneidade lusa.

The RESCALDO Festival returns once again, showcasing the most significant avant-garde music being produced in Portugal – in the worlds of electronic music, free improvisation and offshoots from the broad spectrum of rock and jazz – celebrating some of the names that most merit our attention. Divided between Culturgest and Trem Azul, this seventh festival consists of 12 concerts and a DJ set, placing side by side musicians from different origins and backgrounds, with a wide variety of influences and styles, and highlighting the ever greater internationalisation of Portuguese creative music.

Quinta, 20 de fevereiro
Duração: 1h45 com intervalo
Trem Azul



10 000 Russos

Bateria, voz, *feedbacks*: João Pimenta · Guitarra elétrica, *feedbacks*: Pedro Pestana

Os 10 000 Russos são, na verdade, um duo, formado por gente com *pedigree* nos mais diversos quadrantes da música nacional: João Pimenta, vocalista em várias bandas da fértil cena rock do norte do país (com o Alto! em destaque), e Pedro Pestana, mentor da *one-man band* Trem Go! Soundsystem. Juntos, exploram o legado de um certo psicadelismo que fez escola e lenda nas Ilhas Britânicas na década de 80, com nomes como Spacemen 3 e Loop a surgirem como referências diretas, aqui temperadas por todo um imaginário, precisamente rus-sófilo, que perpassa por títulos de canções como *Metalurg Aralkum* ou *Lokomotiv Gobi* e que sugere, por entre a atitude *garage-punk* e o *reverb* que emana de percussões, voz e guitarra, um certo caráter onírico que aponta a novos rumos. 10000russos.bandcamp.com/album/10-000-russos

The Jack Shits

Voz, guitarra: Jack Legs
Guitarra: Jack Straw
Bateria: Jack Suave

The Fine Art of Bleeding, disco de estreia dos The Jack Shits, condensa na perfeição o caráter fervoroso desta reunião de três figuras de topo do *garage-rock* nacional: Diogo Augusto e Samuel Silva, dos Sonic Reverends e Los Sagaros, e Nick Nicotine, escritor de canções e músico ímpar que leva consigo, habitualmente, toda uma orquestra (falamos da formidável Nicotine's Orchestra). Um encontro, assim, de dois eixos (Marinha Grande e



Barreiro) que têm concentrado em si muitas das movimentações recentes de urgência rock no país, e que aqui erigem um monumento elétrico, suado, imediato e cru, assente numa formação cuja instrumentação precisa e enérgica consubstancia a essência do *power-trio*: guitarras no vermelho, suor nas peles da bateria e grão indomável na voz. thejackshits.bandcamp.com

Sexta, 21 de fevereiro
Duração: 1h45 com intervalo
Pequeno Auditório Culturgest

© Massimiliano Piccinini



Nuno Rebelo

Guitarra elétrica e objetos amplificados: Nuno Rebelo

Com a recente edição de *Removed from the flow of time – guitar solos 1992-2012*, pela portuguesa Creative Sources, Nuno Rebelo mostra, uma vez mais, o seu lugar inquestionável no panteão dos melhores improvisadores nacionais. Pioneiro em tantas das vanguardas criadas, quase de raiz, na década de 80 (com referência inevitável para os icônicos Mler If Dada, cujo regresso aos palcos se saúda), e criador pluridisciplinar, sobretudo a partir da década seguinte, com composições para teatro, dança, e instalações (é seu o tema oficial da Expo 98, *Pangaea*) é nos seus invulgares recursos técnicos e criativos ao leme da guitarra elétrica que o seu percurso a solo tem assentado; tal como também as suas colaborações com nomes como Jim Black, Barre Philips ou Mats Gustafsson revelam, o som de Nuno Rebelo faz-se em permanente mutação, com uma inventividade, expressividade

e pluralidade de abordagens que continuam a estabelecer improváveis pontes entre a dinâmica do rock e a abstração de uma linguagem improvisada que permanentemente se cria e recria a si própria. nunorebelo.com.sapo.pt



Rodrigo Pinheiro/ Thomas Lehn

Piano: Rodrigo Pinheiro
Sintetizadores analógicos:
Thomas Lehn

O pianista Rodrigo Pinheiro é, por via dos RED Trio, formação que partilha com o percussionista Gabriel Ferrandini e com o contrabaixista Hernâni Faustino, dos mais destacados nomes do jazz nacional da atualidade. Para além das formações que mantém em paralelo com outros músicos nacionais, como Marco Franco ou Carlos Zíngaro, com o qual estudou, colaborou já, ainda no seio dos RED Trio, com nomes cimeiros do jazz mundial como John Butcher e Nate Wooley, em contextos de livre improvisação que abriram caminho a esta colaboração, a acontecer

pela primeira vez, com outro dos mais celebrados músicos europeus, o também pianista de formação Thomas Lehn. Músico alemão, com um currículo recheado de colaborações impressionantes com nomes como Eugene Chadbourne, Paul Lovens, Phil Minton ou Axel Dörner, Lehn tem um percurso de grande singularidade nas férteis interseções entre o jazz mais livre e a música clássica contemporânea de pendor vanguardista, bem como um meritório trabalho de investigação no espectro da música eletrónica, em particular através da exploração de sintetizadores analógicos, como os seus encontros com outros dos grandes transfiguradores de instrumentos do passado século, como Keith Rowe ou Toshimaru Nakamura podem atestar.

Espera-nos, portanto, um encontro entre dois músicos que, pertencendo a diferentes gerações e escolas, representam hoje o melhor de um período da música criativa europeia cuja riqueza em colaborações e interseções se aproxima, em novidade e relevância, da explosiva década de 1960 – como o futuro se encarregará de comprovar. rodrigo-pinheiro.com
www.thomaslehn.com

Sábado, 22 de fevereiro
Duração: 1h45 com intervalo
Pequeno Auditório Culturgest

Tiago Sousa/Maria Leite
“Quando o súbdito nega a fidelidade e o funcionário renuncia ao cargo, a revolução está completa.”

Piano, harmónio e órgão:
Tiago Sousa
Declamação: Maria Leite

Não é segredo que a música do pianista e compositor barreirense Tiago Sousa é rica em referências humanistas, plena de apelos à emancipação individual e política, e de um retorno à arte enquanto paradigma da superação. Álbuns como *The western lands*, *Walden Pond's Monk* ou *Samsara* referenciam e reivindicam a influência explícita de autores como H. Thoreau, W. Burroughs, G. Debord ou Lao Tse, num fio conceptual sólido que perpassa um *corpus* musical exemplar e em constante evolução.

Para esta edição do RESCALDO, o piano, harmónio e órgão de Tiago Sousa far-se-ão acompanhar da *disease* Maria Leite, para, através de uma revisão do seu repertório (editado e por editar), dar lugar à palavra dita e mostrar,



numa opção rara, as ideias por trás da sua música, trazendo-as para o *seu seio*, tornando a sua verbalização efetivamente parte dela. Uma ocasião, naturalmente, imperdível.

www.tiagosousa.org



Eduardo Raon/Tomaž Grom

Harpa, eletrónicas: Eduardo Raon · Contrabaixo, eletrónicas: Tomaž Grom

Das vozes mais singulares e ativas na música contemporânea em Portugal, de Eduardo Raon podemos sempre esperar uma constante procura por novas formas do dizer; membro dos Bypass e dos Powertrio (com Joana Sá e Luís José Martins), colaborador frequente de Maria João e Mário Laginha, compositor, intérprete e improvisador, reside atualmente entre Portugal e Liubliana, capital da Eslovénia, compondo regularmente para cinema, animação, teatro e instalações.

On the drive for impulsive actions, o seu mais recente lançamento na Shhpuma, é a base da sua apresentação no RESCALDO – nesta peça, em estreia ao vivo, Raon utilizará o seu instrumento de eleição, a harpa, sujeita a pontual processamento eletrónico, situando-o numa linhagem de nomes

contemporâneos que a partir deste instrumento de conotação clássica (como Rhodri Davies ou Zeena Parkins) procuram redefinir expectativas e capacidades sónicas. A peça, para a qual se fará acompanhar do contrabaixista e compositor esloveno Tomaž Grom, integra referências, como o seu nome indica, a ações impulsivas – gestos involuntários, atuações irrefletidas, atitudes imponderadas e ruídos orais pouco conscientes, num jogo performático entre som e imagem, composição e improvisação. eduardoraon.com

Quinta, 27 de fevereiro
Duração: 2h
Pequeno Auditório Culturgest



SIMÃO COSTA “πΛANO PRE-CAUTION PER-CUSSION ON SHORT CIRCUIT”

Piano, altifalantes transdutores e parafernália: Simão Costa

O trabalho a solo de Simão Costa constitui-se, acima de tudo, como uma investigação dos limites sónicos do instrumento clássico por excelência, o piano. Através da sua mani-

pulação extensiva e exaustiva, complementada pelo recurso a altifalantes transdutores, a um *laptop* e à mais diversa parafernália, o músico lisboeta opera uma completa transfiguração das suas propriedades – sejam timbrais ou dinâmicas – e das suas potencialidades. Com uma sólida formação clássica, Simão Costa desenvolve um trabalho que se estende a projetos de cariz transdisciplinar e interdisciplinar envolvendo música, vídeo, fotografia, dança, cinema, teatro e novo circo. Privilegiando o interface e cruzamento entre ciência, arte e tecnologia, o seu espetáculo no RESCALDO, que prefigura um novo trabalho a editar pela Shhpuma Records, será, assim, mais do que um concerto, uma pequena totalidade performática na qual conceitos como o de instalação, *soundart*, *performance* e arte visual se confundem e interpenetram, engendrando um novo quadro de referências e classificações. www.maosimmao.com

Cafeteria da Culturgest

Sturquen
“Necrofonía – Arquivo de Mensagens Mortas”

Sintetizadores, pedais, rádios: César Rodrigues, David Arantes

Os Sturquen são David Arantes e César Rodrigues, dois estetas sonoros que, a partir do Porto, têm vindo a construir uma sólida base de edições discográficas em ligação íntima com a editora ucraniana Kvitnu (a qual ajudaram, de forma

inequívoca, a vencer o prémio de melhor editora nos Quartz Electronic Music Awards, em 2011). Com um campo sonoro invulgarmente delineado e coerente – uma exploração eletrónica do potencial de inquirição da sua maquinaria, uma claustrofobia paradoxalmente dançável e libertadora, reveladora de incontáveis matizes de cinza – trazem ao RESCALDO um capítulo particularmente ambicioso deste percurso em ascensão: a manipulação, em



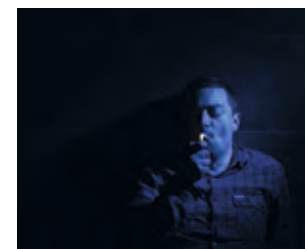
tempo real, de mensagens rádio aparentemente obsoletas, de conteúdo militar e cuja existência se estende desde, pelo menos, a 1.ª Guerra Mundial, transmitidas pelas denominadas Number Stations. Captadas pelos próprios músicos, e perdido o seu significado e relevância originais, aos Sturquen caberá a sua revitalização e transmutação em discurso estético.

www.sturquen.com

Pequeno Auditório Culturgest

Fat Freddy

Guitarra, eletrónica: Pedro Guedes Ferreira · Voz: Pedro Espada · Baixo, guitarra: Xinas Leite · Bateria, percussões: Nuno Sarafa



Sexta, 28 de fevereiro
Duração: 1h45 com intervalo
Pequeno Auditório Culturgest

Nuno Aroso “Asperes”

Percussão: Nuno Aroso

Percussionista e compositor, o portuense Nuno Aroso tem vindo, de forma discreta mas sólida, a desenvolver um riquíssimo e robusto percurso pelos campos da criação contemporânea; diretor do departamento de Percussão da Universidade do Minho, membro dos Drumming, colaborador do Remix Ensemble, e intérprete com uma extensa lista de edições discográficas, com reportório gravado e escrito propositalmente para si de compositores como Peter Klatzow, Oscar Bianchi ou João Pedro Oliveira, entre tantos outros, mostra ainda uma vontade de experimentar cruzamentos improváveis – como atesta a sua recente incursão no mundo da pop com Rita Redshoes, por exemplo. É no âmbito do enriquecimento do conceito do espetáculo ao vivo, enquanto experiência completa e multidisciplinar, com ênfase

Projeto cunhado por Pedro Guedes Ferreira no início do século, os Fat Freddy ressurtem em 2013 com o EP *Atirem o meu cadáver para uma valeta*. Se, em *Álbum sem nome* (editado em 2006 pela Cobra Discos) o cruzamento *over-the-top* entre uma pulsão de matriz *funk-rock*, detalhes dançáveis e uma via quase barroca de pontuações eletrónicas, nos oferecia uma música paradoxalmente negra e celebratória, introspectiva mas direcionada ao corpo, o single de avanço para o novo trabalho, *Morte Gélida em Fernandes Tomás*, mostra todo um diferente quadro de referências; com uma contenção quase épica, ao longo de cerca de 10 minutos, o novo mundo dos Fat Freddy, exposto através das palavras escritas e vocalizadas por Pedro Espada, é revelado como uma tela soturna que lentamente se expande e se abre em erupções que evocam um improvável cruzamento entre os Mão Morta e os Pink Floyd. Uma surpresa a descobrir. fatfreddy.bandcamp.com



nos aspetos cénicos inerentes à *performance* em percussão, que apresenta este *Asperes* no RESCALDO. Fazendo uso de uma vasta paleta sonora, que extravasa, em muito, o que comumente se pode esperar de um solo de percussão, Aroso desenvolve, através dos mais variados recursos, e fazendo uso de matérias sonoras não convencionais, como pedras, metais ou barros, microclimas sónicos nos quais, mais do que uma sucessão de instrumentos e técnicas, a narrativa desempenha um papel essencial.

www.nunoaroso.com

© Paulo Cunha Martins



Peixe

Guitarras: Peixe

Elevado ao estatuto de figura incontornável da música moderna portuguesa, enquanto fundador dos Ornatos Violeta e dos tão excelentes quanto fugazes Pluto, Pedro Cardoso (Peixe) é, hoje em dia, um guitarrista que procura trilhar um novo rumo e descobrir novas paisagens. *Apneia*, o seu disco de estreia com data de 2012, é uma maravilhosa promessa de lirismo, delicadeza e filigrana, feito de uma introspeção que

prefere os grandes espaços áridos evocados por Ry Cooder ou Marc Ribot, por exemplo (a sua aparição ao vivo com os Dead Combo, ilustra na perfeição essa linhagem), mas que não se furta a um frente a frente (sobretudo quando se trata da guitarra elétrica) com a intimidade despida de uma figura marcante como Loren Connors. Entre o jazz, a improvisação, e os sempre presentes *blues*, a música de Peixe constitui dos mais belos itinerários do presente.

www.facebook.com/peixe.musica

Sábado, 1 de março
Duração: 1h45 com intervalo
Trem Azul

Kilimanjaro

Voz, guitarra: José Gomes
Bateria: Joni Dorez
Baixo: Diogo Lopes

Representantes de uma geração que tem feito da cidade de Barcelos o epicentro inequívoco das mais interessantes convulsões rock do novo milénio, os Killimanjaro são, desse grupo mais ou menos heterogéneo, os que mais se aproximam de uma certa sonoridade cuja génese ocorreu na década de 1990 num local tão



distante como Palm Springs, Califórnia. Falamos, é claro, dos Kyuss e do, por si cunhado, *desert-rock*, género que continua, ainda hoje, a fazer escola e a abrir horizontes sobre as possibilidades que se abrem a uma formação clássica de guitarra, baixo, bateria e voz, como é a dos Killimanjaro. Nesta noite de encerramento do RESCALDO, é precisamente com *riffs* encorpados, uma secção rítmica de movimento impiedoso e uma voz que evoca as *tumbleweeds* do deserto americano, que prometemos a celebração.

botr.bandcamp.com/album/killimanjaro



Vítor Rua Dj Set

Vítor Rua é, se necessário lembrar, uma das mais cintilantes figuras da história da música de vanguarda (e não só) em Portugal. Membro fundador dos GNR e, sobretudo, em conjunto com o saudoso Jorge Lima Barreto, dos Telectu, é um dos grandes responsáveis pela introdução no país de práticas musicais

revolucionárias no contexto da sua época. Figura sempre ativa, quer no contexto das inúmeras colaborações que mantém com um lote incrivelmente seletivo de grandes senhores do jazz e da música improvisada mundial, quer no seu trabalho a solo, de cujo recente *Heavy Mental*, brilhante disco de guitarra solo lançado em 2011, é exemplo, quer através da sua permanente intervenção cívica e pedagógica tingida de um surrealismo muito peculiar, e que podemos ver, por exemplo, nos vídeos que periodicamente liberta no seu canal de Youtube, será natural aguardar deste seu DJ-Set, que encerra esta edição do RESCALDO, uma viagem absolutamente imprevisível mas decididamente valiosa por toda e qualquer música que possamos imaginar.

www.facebook.com/telectu

De 20 de fevereiro
a 1 de março
Trem Azul



Exposição de Ilustração de Amanda Baeza

Em mais um capítulo da parceria estabelecida nos últimos anos entre o RESCALDO e a Associação Chili Com Carne, cabe desta feita à jovem artista Amanda Baeza apresentar uma

exposição de originais na Trem Azul. Baeza (n. 1990) cresceu em dois hemisférios diferentes acabando por se estabelecer em Lisboa, onde obteve uma licenciatura em *design* gráfico. Faz o zine Mr. Spoqui com os seus irmãos. BD e ilustração fazem parte da sua dieta atual, tendo já publicado dois livros, *Our Library* e *Nubles de Talco*, na Letónia e Espanha respetivamente. A sua estreia em Portugal será na antologia *Zona de Desconforto*, terceiro volume da coleção LowCCCost, uma coleção de livros de viagem «para quem gostar de viajar de forma económica!».

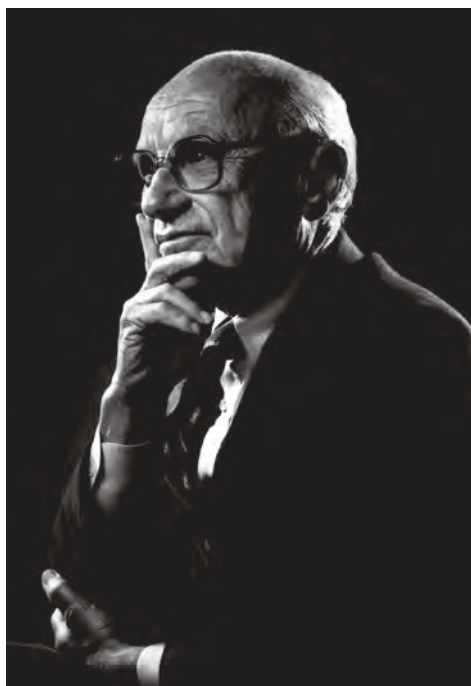
amanda-baeza.tumblr.com

O neoliberalismo não é um *slogan* – histórias de uma ideia poderosa

por João Rodrigues



Friedrich Hayek



Milton Friedman

6, 13, 20 E 28 DE MARÇO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
 Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Este ciclo de conferências será transmitido no site www.culturgest.pt

Quinta, 6 de março
 O neoliberalismo como reação: de Viena a Mont Pèlerin

Quinta, 13 de março
 Um feixe de ideias em progresso: de Chicago a Friburgo

Quinta, 20 de março
 A hegemonia neoliberal: do Chile aos Consensos de Washington e de Bruxelas

Sexta, 28 de março
 A crise é sempre uma oportunidade: o caso da Zona Euro

Segundo alguns, o neoliberalismo é um *slogan* usado por anticapitalistas para caricaturar os seus oponentes. Segundo outros, é uma tentativa para regressar ao capitalismo *laissez-faire*.

Desaparecem, assim, os traços distintivos de um feixe transdisciplinar e transnacional de ideias que se desenvolveu a partir dos anos trinta do século XX, quando o termo entra em circulação, e que encontrou nos anos setenta a oportunidade para uma continuada hegemonia. A crise de 2007-2008, segundo muitos, teria marcado o seu fim, mas as políticas neoliberais aí estão, em força no nosso país e não só. Através de uma história crítica do neoliberalismo, como reação inicial aos “socialistas de todos os partidos”, pretende-se expor as inovações intelectuais e os mecanismos económico-políticos por detrás de um projeto que busca encontrar soluções para democracias de alcance tanto quanto possível limitado, ou mesmo para regimes autoritários ditos de exceção, permitindo subordinar a atuação dos governos à promoção de políticas de concorrência mercantil em áreas crescentes da vida social. Seguindo a injunção de Margaret Thatcher – “a economia é o método, o objetivo é mudar a alma” – procurar-se-á caracterizar um imaginário social assente no chamado empreendedorismo, em que os indivíduos são declarados livres na medida em que estão imersos em mercados. Ancoradas na ideia de que a justiça social não passaria de inveja idealizada, as regras económicas neoliberais favorecem a concentração de recursos no topo da pirâmide social, mas têm um poder que vai para lá de interesses de classe.

João Rodrigues nasceu em Coimbra, em 1977. Economista. Investigador do Centro de Estudos Sociais e Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Doutorado pela Universidade de Manchester. A sua investigação tem-se debruçado sobre temas de economia política, da história do neoliberalismo à crise do euro, sendo autor de diversas publicações nestas áreas. É membro do Conselho Editorial do *Le Monde diplomatique*, edição portuguesa, e coautor do blogue de economia política *Ladrões de Bicicletas*.

According to some, neoliberalism is nothing more than a slogan used by anticapitalists to caricature their opponents, while others consider it an attempt to return to a pernicious form of *laissez-faire* capitalism. Many believe that the crisis of 2007-2008 signalled the end of neoliberalism’s continued hegemony since the 1970s. Yet neoliberal policies are still found in Portugal and other countries. Taking a critical look at the history of neoliberalism since the 1930s, these lectures seek to expose the economic and political mechanisms behind this social philosophy based on entrepreneurship.

O que nunca direi

Aldina Duarte



© Rita Carmo

SEX 7, SÁB 8
DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
18€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Voz Aldina Duarte **Guitarra portuguesa** José Manuel Neto
Viola Carlos Manuel Proença **Convidados** Júlio Resende (piano),
Ana Isabel Dias (harpa), Paulo Parreira (guitarra portuguesa),
Rogério Ferreira (viola) **Som** Alfredo Almeida **Iluminação**
(conceção de projeto e operação) Paulo Mendes **Road manager**
Ana Moitinho e Helena Pedro **Produção executiva** Radar dos Sons

Não, não há derrota, não, ninguém esmaga, nem o tempo mata.

No canto imparável da Aldina, há um entusiasmo que nos empurra, nos abraça, ouvimos-lhe a canção cantando com ela, e conquistamos o xaile, o cravo, a rua, o passeio, o dia livre, conquistamos a vida.

Por melancólicas ou angustiadas que sejam as palavras, há um jeito que a Aldina lhes dá, uma voltinha de coragem que as torna sempre entusiasmantes.

Não a ouvimos metidos para dentro, no silêncio, não, eu ouça-a de manhã.

Porque o seu canto vence a noite, é o dia que ela nos escancara.

É um canto à janela, por deserta e soturna que seja a rua por onde andamos.

É entusiasmante, sim, entusiasma-me sempre cada uma das palavras, cada verso, cada cantiga, esta Aldina.

Jorge Silva Melo, outubro 2013

No, there is no defeat, no, no one crushes anyone, nor does time kill anyone.

In Aldina's relentless singing, there is an enthusiasm that pushes us on, that envelops us; we hear the song singing with her, and we take possession of the shawl, the carnation, the street, the world outside, the free day, we conquer life.

However melancholic or anguished the words may be, there is a special touch that Aldina lends to them, a twist of courage that always makes them exciting.

We don't listen to her turned in upon ourselves, in silence. No, I listen to her in the morning.

Because her singing overcomes the night, it is the daylight that she opens up for us.

It's a song that must be sung next to the window, no matter how deserted and gloomy the street we are walking along may be.

It's exciting, yes it is. With this Aldina, each word, each line, each song constantly excites me.

Jorge Silva Melo, October 2013

Sofia Ribeiro e Jeffery Davis

Ciclo “Jazz +351” · Comissário: Pedro Costa



SEX 7 DE MARÇO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h
5€ (preço único)

M3

Voz Sofia Ribeiro **Vibrafone** Jeffery Davis

Numa bem invulgar combinação de voz e vibrafone, Sofia Ribeiro e Jeffery Davis têm por missão apresentar música «fresca e criativa» numa fórmula especialmente votada à improvisação que parte de temas de autoria própria e de *standards* do jazz. Se o projeto é novo, a colaboração remonta a 2005, quando a cantora lisboeta e o vibrafonista canadiano há muito radicado no Porto se encontraram no Berklee College of Music, em Boston, nos Estados Unidos, um de vários estabelecimentos de ensino internacionais em que se formaram.

Tiraram ambos as suas licenciaturas na prestigiada Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto. Sofia tirou o seu mestrado em canto jazz no Conservatório Real de Bruxelas, onde teve como professor um dos mais importantes cantores do género na atualidade, David Linx. Ganhou o prémio Oliver Wagmann Memorial Scholarship, destinado aos alunos que chegam a um nível de excelência académica. O bacharelato Summa CumLaude de Jeffery no Berklee College foi distinguido com o galardão Dean of Curriculum. Durante o período em que viveu nos EUA tocou com músicos tão importantes quanto Joe Lovano, Dave Liebman, Terrence Blanchard, Steve Swallow e Roswel Rudd, entre outros.

A atividade de Sofia Ribeiro centrou-se no jazz, tendo trabalhado com músicos como Marc Demuth, Gui Duvignau, Bartolomeo Barengi e Juan Andrés Ospina. Gravou seis discos, sendo os mais recentes *Apenas* e *Ar*. Jeffery Davis tem feito carreira tanto no jazz como na música erudita, neste caso como membro das formações Kinetix, XL Trio, Quad Quartet, Pedro Carneiro/Jeff Davis Duo e Drumming. Com este grupo de percussão interpretou obras de compositores como Emmanuel Nunes e João Pedro Oliveira. É docente na ESMAE e no Conservatório de Música de Jobra – Albergaria. Tem um disco em nome próprio editado pela TOAP, *Haunted Gardens*, e surge em vários outros.

In an unusual combination of voice and vibraphone, Sofia Ribeiro and Jeffery Davis set out to present “fresh and creative” music, improvising both from their own compositions and from jazz standards. Although this project is a new one, their collaboration dates back to 2005, when the Lisbon singer and the Canadian vibraphonist, long since settled in Porto, first met at the Berklee College of Music, in Boston. Both graduates of the prestigious Porto School of Music and Performing Arts, Sofia has centred her activity on jazz, while Jeffery has devoted his time to both jazz and erudite music.

The Coming Storm

A Tempestade que Aí Vem
de Forced Entertainment



© Hugo Glendinning

QUA 19, QUI 20, SEX 21
DE MARÇO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h45
14€ · Até aos 30 anos: 5€

M16

Em inglês, com legendas

Concebido e criado pela companhia **Performers** Robin Arthur, Phil Hayes, Richard Lowdon, Claire Marshall, Cathy Naden, Terry O'Connor **Encenação** Tim Etchells **Cenografia** Richard Lowdon **Desenho de luz** Nigel Edwards **Música** Phil Hayes/ Forced Entertainment **Consultor musical** John Avery **Assistência de encenação** Hester Chillingworth **Produção** Ray Rennie e Jim Harrison **Direção de produção** Eileen Evans **Direção de marketing** Sarah Cockburn **Produção Executiva** Jim Harrison **Coprodução** PACT Zollverein, Festival d'Avignon, Theaterhaus Gessneralle, Tanzquartier, Les Spectacles Vivants – Centre Pompidou, Festival d'Automne à Paris, LIFT, Battersea Arts Centre, Sheffield City Council **Estreia** 23 de maio de 2012, PACT Zollverein (Essen)

No quadro do Artista na Cidade 2014, a Culturgest apresenta dois espetáculos do essencial coletivo liderado por Tim Etchells. Em ambos é de contar histórias que se trata, mas se um tem menos de duas horas, o outro é uma *performance* duracional; um é uma estreia em Portugal e o outro um regresso, 12 anos depois.

Em *The Coming Storm* os Forced Entertainment enredam e alternam múltiplas histórias para construir um espetáculo entusiasmante e instável. Há amor e morte, sexo e lavagem de roupa, naufrágios e neve; anedotas pessoais cruzam-se com filmes imaginários, romances lembrados pela metade chocam com contos de fadas distorcidos.

Usando um método tão inventivo quanto absurdo, os seis *performers* criam, colaboram, sabotam e perturbam esta saga épica que é decididamente demasiado grande para caber num palco. O resultado é cómico, contraditório e comovente; cheio de truques equivocados, danças entrecortadas, interrupções de bateria de gosto duvidoso e acompanhamento de piano negligente. Tudo se acumula e tudo cintila. Tudo balança e tudo estremece. Tudo se transforma e tudo é canibalizado. *The Coming Storm* é Forced Entertainment no seu melhor.

In this work international innovators Forced Entertainment tangle and cross-cut multiple stories to make a compelling and unstable performance. From love and death to sex and laundry, from shipwrecks to falling snow, personal anecdotes rub shoulders with imaginary movies, and half-remembered novels bump into distorted fairytales. Six performers create, collaborate, ambush and disrupt this epic saga that is resolutely too big for the stage. The result is comical, contradictory and poignant; full of wrong-headed tricks, broken dances, sleazy drum interruptions and perfunctory piano accompaniment. Everything builds and everything shimmers. Everything teeters and everything trembles. Everything is reshaped and everything is cannibalised. *The Coming Storm* is Forced Entertainment at its best.

Estamos habituados a encontrar a história do próprio espetáculo no trabalho dos Forced Entertainment; a narrativa do acontecimento teatral à medida que ele colapsa. De forma brilhante, aqui até essa história se prega uma rasteira.
Matt Trueman, *Culture Wars*, julho de 2012



www.artistanacidade.com

And on the Thousandth Night...

E à Milésima Noite...

de Forced Entertainment



© Hugo Glendinning

SÁB 22 DE MARÇO

Grande Auditório
(lotação reduzida)
18h · Duração: 6h
5€ (preço único)

M16

Este espetáculo tem a duração de 6 horas. O público pode entrar e sair da sala.

Em inglês, sem legendas

Raramente se viu performers em palco a dar uma sensação de espírito com uma tal leveza e prazer evidente. Com uma noção segura de dinamismo e ritmo, guiam-nos na nossa viagem pela noite. And on the Thousandth Night... é grande teatro, vivo e inteligente, feito com as mais simples ferramentas.

Frankfurter Allgemeine Zeitung



www.artistanacidade.com

Concebido e criado pela companhia **Performers** Robin Arthur, Tim Etchells, Phil Hayes, Jerry Killick, Richard Lowdon, Claire Marshall, Cathy Naden e Terry O'Connor **Encenação** Tim Etchells **Cenografia** Richard Lowdon **Desenho de luz** Nigel Edwards **Estreia** Setembro de 2000, Festival Ayloul (Beirute)

And on the Thousandth Night... explora a relação ao vivo entre uma história e o seu público, uma história e quem a conta. Para este espetáculo de seis horas, que regressa à Culturgest depois de aqui ter sido apresentado em 2002, os Forced Entertainment inspiram-se nas *Mil e uma Noites* e numa secção do seu espetáculo épico *Who Can Sing a Song to Unfrighten Me?* (1999).

Uma linha de *performers*, homens e mulheres, vestidos de Reis e Rainhas – mantos vermelhos baratos e coroas de cartão.

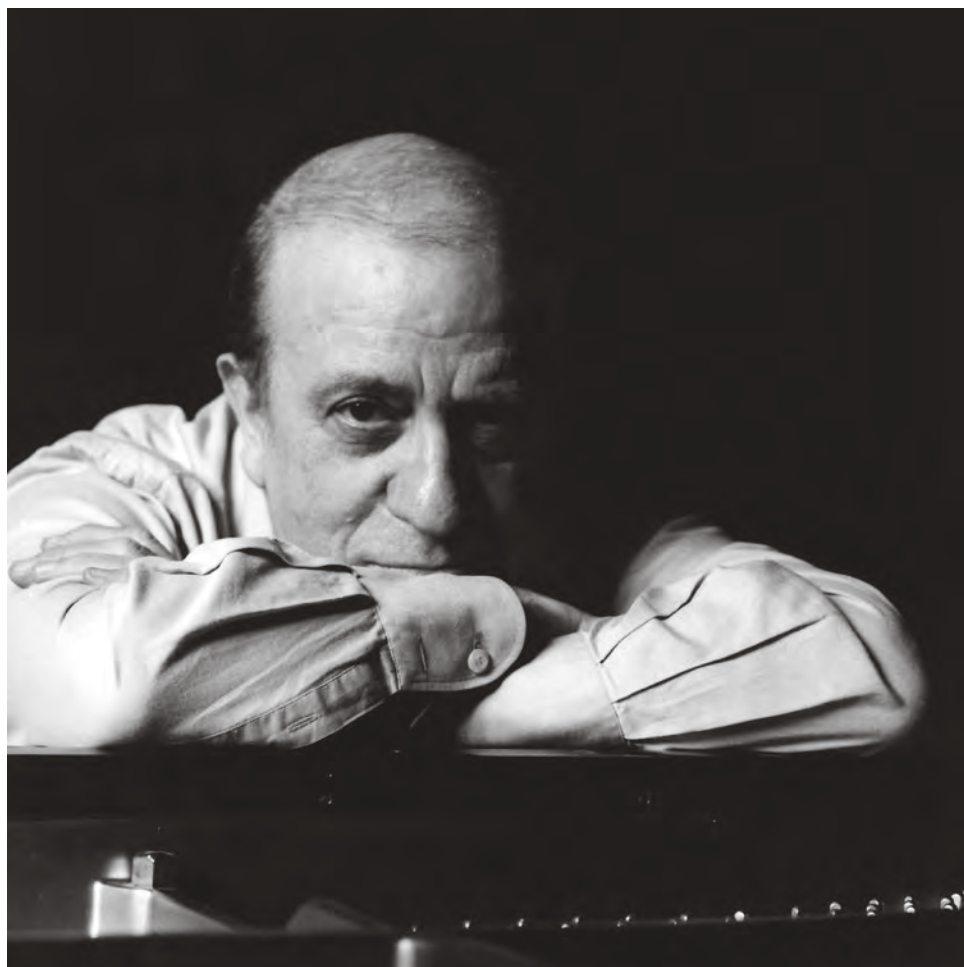
Conta-se uma história, inventada ao vivo, arrancada à memória. É uma história comprida, em mutação e que se autoanula. Uma história que, de alguma forma, com as suas várias curvas e descidas, parece incluir muitas, se não todas, as histórias do mundo. Mistura tudo desde intrigas de filmes a histórias religiosas, a contos tradicionais, piadas, mitos modernos, passando por histórias pessoais, histórias que metem medo, histórias de amor e histórias de sexo e ainda histórias banais, histórias extraordinárias e histórias para crianças.

Os Reis e Rainhas competem, interrompendo, exagerando, apoderando-se das histórias uns dos outros e incorporando bocados roubados nos seus próprios contos. As narrações oscilam entre o cansaço e a histeria, entre a ordinárice absurda e uma ternura surpreendente. Por vezes alguns dos Reis e Rainhas fazem uma pausa, dormindo no chão ao fundo do palco enquanto os seus colegas prosseguem. Se calhar às dez da noite já só restam dois Reis a falar, continuando o conto, à medida que, um a um, os outros avançam para se juntarem de novo à linha.

And on the Thousandth Night... é uma experiência teatral única e um dos espetáculos mais relevantes do coletivo britânico que em 2014 comemora 50 anos de atividade.

And on the Thousandth Night... explores the live relationship between a story and its public, a story and its tellers. A story is told, made up live, dragged from memory by a line of performers dressed as Kings and Queens, wearing cheap red cloaks and cardboard crowns. It is a long, mutating and endlessly self-cancelling story. It is a story which somehow, in its many dips and turns, seems to include many – if not all – of the stories in the world. The Kings and Queens compete, interrupting, exaggerating, taking over each other's narratives and incorporating stolen bits into their own tales. Their storytelling moves between tiredness and hysteria, between absurd vulgarity and surprising tenderness. It is a unique theatrical experience.

Martial Solal



SEX 28 DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
15€ · Até aos 30 anos: 5€

M3

Piano Martial Solal

Em 1999 Martial Solal recebeu o Prémio Jazzpar, considerado o “Nobel do Jazz”. Porque ele é, sem contestação, um dos maiores pianistas e compositores de jazz vivos. Porque ele é, sem contestação, uma das grandes figuras do jazz do século XX e do presente, um dos pais do “piano jazz”.

Sobre ele escreveu *The Guardian*: “desde os seus inícios, a obra de um dos músicos de jazz franceses mais célebres de todos os tempos, raramente se afastou do mais febril virtuosismo na improvisação e da mais alta distinção na composição. Solal nunca se tornou prisioneiro da ortodoxia formal do jazz e o seu fraseado nunca cessa de nos surpreender (...) Um espírito verdadeiramente livre que, depois de um caminho de mais de meio século, continua a explorar, ainda e sempre.”

Martial Solal tem hoje 86 anos. E resolveu retirar-se dos palcos. A temporada de 2013/2014 será a sua última temporada.

A Culturgest não podia deixar de fazer parte dessa digressão. E em solo, a mais arriscada forma de apresentação, mas onde Solal brilha como muito poucos. Um concerto histórico.

In 1999, Martial Solal was awarded the prestigious Jazzpar Prize. Justifiably so, because he is one of the finest living jazz pianists and composers, and one of the fathers of “piano jazz”. *The Guardian* says that “Solal is never cramped by the formal orthodoxies of straightahead jazz, and his phrasing constantly catches you unawares. (...) A free spirit still exploring after more than half a century.” Now aged 86, Martial Solal will be making the 2013/2014 season his last. In what promises to be a historic concert at Culturgest, he has taken on the bold challenge of giving a solo performance.

Sentido em deriva

Obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos
Works from the Coleção da Caixa Geral de Depósitos



Susanne Thelmitz. *Oh la la, oh la balançoire/Microcosmos tentacular*, 2004
(pormenor da instalação)

ATÉ 12 DE JANEIRO

Galerias 1 e 2
2€ · Entrada gratuita
aos domingos

Curadoria Bruno Marchand

Em celebração do seu vigésimo aniversário, a Culturgest apresenta, nos seus espaços expositivos de Lisboa e do Porto, obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos. Iniciada em 1983, esta coleção conta hoje com mais de mil e setecentas peças de artistas portugueses, bem como de artistas brasileiros e africanos de expressão portuguesa. Atravessando uma multiplicidade de disciplinas artísticas e cobrindo um período que se inicia ainda no século XIX e que chega aos nossos dias, a Coleção da CGD mantém-se como uma das mais consequentes iniciativas públicas no que à criação de um património artístico coletivo diz respeito.

Necessariamente parcial e partindo de um olhar subjetivo, a exposição concebida para esta efeméride afirma-se como uma viagem particular através dos núcleos mais representativos da Coleção. Como quem ensaia uma ficção elíptica, a construção deste percurso tanto é marcada pela singularidade das obras que nele se encontram quanto pelos intervalos que elas estabelecem entre si. Dos jogos de tensão, diálogos e ruturas formulados nesta exposição, nasce um corpo fragmentário feito de articulações produtivas que contribuem, cada qual a seu tempo, cada uma no seu lugar, para o sentido da experiência.

Na Culturgest Porto
Últimas apresentações,
com a duração de uma semana,
de obras isoladas.

**De 31 de dezembro
a 4 de janeiro**
Julião Sarmiento
(*Dois amigos*, 1982)

De 7 a 11 de janeiro
Waltercio Caldas
(*A Mesa*, 1996)

A sala de exposições encerra às
segundas, domingos e feriados.
Entrada gratuita.

In the year of its 20th anniversary celebrations, Culturgest is set to hold an exhibition of the Coleção da Caixa Geral de Depósitos at its spaces in Lisbon and Porto. First started in 1983, this collection now consists of more than one thousand seven hundred works by Portuguese artists, as well as Brazilian and Portuguese-speaking African artists. Covering a multiplicity of artistic disciplines with works that spread over a period from the 19th century to the present day, the Coleção da CGD remains one of the most significant public initiatives in terms of creating a collective artistic heritage. Necessarily partial and based on a subjective view, this exhibition takes the form of a journey through the Collection's most significant groups of works. Like in an elliptical fiction, this path is marked both by the singularity of the works found here and by the gaps they establish between one another. The tensions, dialogues and ruptures formulated in this exhibition give rise to a fragmentary body of combinations that contribute, each in their own time and place, to the full meaning of the experience.

Ana Jotta

A Conclusão da Precedente
The Conclusion of the Precedent



21 Artistes pour Demain, 2007

DE 15 DE FEVEREIRO
A 11 DE MAIO

Inauguração:
Sexta, 14 de fevereiro, 22h

Galeria 1
2€ (bilhete único para as
exposições) · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
nos dias 18 e 20 de abril.

Visitas guiadas
por Miguel Wandschneider
Sábados, 22 de março
e 3 de maio, 17h

Consulte as atividades do
Serviço Educativo em torno
da exposição, na pág. 90
deste programa.

Curadoria Miguel Wandschneider

A expressão que dá o título a esta exposição foi encontrada por Ana Jotta (Lisboa, 1946) num livro, e por ela anotada num dos caderninhos onde vai inscrevendo palavras e expressões a que recorre frequentemente para dar título a algumas das suas obras e exposições, e que muitas vezes desempenham um papel generativo no seu processo criativo. É um título declaradamente irónico, ao situar a presente mostra enquanto conclusão da retrospectiva do seu trabalho no Museu de Serralves, no Porto, em 2005. Se há obra que se furta a qualquer linearidade cronológica, que despista constantemente a possibilidade de arrumação por fases ou períodos, é a obra radicalmente polimorfa de Ana Jotta. *A Conclusão da Precedente* é uma antológica do seu trabalho desde aquela retrospectiva, mas, contrariamente ao protocolo habitual neste tipo de exposições, a abordagem aqui adotada é eminentemente fragmentária, não sistemática, recusando desde logo a reconstituição dos sucessivos conjuntos ou séries de obras através dos quais a sua prática artística se foi processando e desdobrando nos últimos cerca de oito anos. A exposição não se limita, no entanto, a baralhar e a dar de novo. No seu cerne está um extenso núcleo composto por aquilo a que a artista chama “notas de rodapé”: uma parafernália de coisas que, na sua atividade constante de respigadora e de colecionadora, ela foi reunindo na sua casa ou no seu ateliê, e que vão participando, de diferentes modos, no seu processo criativo.

The title chosen by Ana Jotta (Lisbon, 1946) for this exhibition identifies it as a conclusion to the retrospective of her work held at the Museu de Serralves, in Porto, in 2005. It is an unmistakably ironic title. In fact, the radically polymorphic work of Ana Jotta shuns any kind of chronological linearity, constantly disrupting the possibility of being conveniently classified into phases or periods. *The Conclusion of the Precedent* is an anthology of her work since that retrospective exhibition, but, contrary to the conventional protocol in exhibitions of this type, the approach adopted here is a decidedly fragmentary and unsystematic one, immediately rejecting any reconstitution of the successive groups or series of works through which her artistic practice has materialised over the last eight years or so. This exhibition is not, however, just a question of shuffling the pack and dealing the cards afresh. Lying at its core is an extensive group of works composed of what the artist refers to as “footnotes”: a paraphernalia of things that, in the course of her constant activity as a gleaner and collector, she has gathered together at her home, and which, in different ways, play their part in her creative process.

Pedro Casqueiro

Marginalia



Conjunto de obras de 1996 (vista da exposição na Culturgest Porto, 2012)

DE 15 DE FEVEREIRO
A 11 DE MAIO

Inauguração:
Sexta, 14 de fevereiro, 22h

Galeria 2
2€ (bilhete único para as
exposições) · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
nos dias 18 e 20 de abril.

Visitas guiadas
por Miguel Wandschneider
Sábados, 8 de março
e 19 de abril, 17h

Consulte as atividades do
Serviço Educativo em torno
da exposição, na pág. 91
deste programa.

Curadoria Miguel Wandschneider

O que nesta exposição se dá a ver são obras que Pedro Casqueiro (Lisboa, 1959) foi fazendo, desde o início da década de 1990, em paralelo às rotinas da sua prática de ateliê, e à margem da produção de pintura pela qual foi sendo conhecido. São obras feitas de forma intermitente, ao sabor das circunstâncias, com grande espontaneidade e elevado grau de improvisação – sem rede de proteção, digamos assim. São, muitas delas, em maior ou menor grau, experiências, hipóteses de trabalho, devaneios, coisas desalinhadas, que não encontraram o seu lugar. Não por acaso, a maioria não teve qualquer exposição como destino; permaneceu no ateliê ou foi parar às mãos de amigos. Mesmo as peças que foram mostradas – por exemplo, as que fez em colaboração com Ana Jotta, incluídas na exposição dos dois artistas na Galeria Alda Cortez, em 1994, ou as pequenas pinturas, frequentemente organizadas como dípticos ou trípticos, com imagens retiradas de um manual de truques de prestidigitação, expostas na Galeria Módulo, em 1996 – constituem um flagrante desvio aos desenvolvimentos principais da sua pintura. Na maioria dos casos, não se vislumbra a sua assinatura, a sua marca autoral, tal como ela se foi declinando em diferentes fases. O que faz conviver as obras agora escolhidas é justamente serem atípicas, anómalas no corpo de trabalho do artista. As suas propriedades e qualidades (e algumas são verdadeiramente notáveis) justificam plenamente serem mostradas – e mostradas em conjunto. Nessa medida, esta é uma exposição que escreve direito por linhas tortas, proporcionando um encontro, ou reencontro, improvável (e auspicioso!) com o trabalho de Pedro Casqueiro.

This exhibition shows works that Pedro Casqueiro (Lisbon, 1959) has been producing since the early 1990s, in parallel to his daily studio practice and the paintings he has already presented publicly, and for which he is well-known. They are works that he has created intermittently, according to circumstances, being produced spontaneously and with a great sense of improvisation – without a safety net, one might say. To a greater or lesser extent, many of them are experiments, working hypotheses, artistic musings, unaligned things that have yet to find their rightful place. It is, therefore, not by chance that most of them have never been sent for exhibition, either remaining at the studio or ending up in the hands of friends. Their properties and qualities, however, (and some are truly remarkable) fully justify their being shown – and, indeed, being shown together. This is, therefore, an exhibition that achieves its desired effect in a roundabout way, offering visitors an unlikely (and auspicious!) encounter, or re-encounter with the work of Pedro Casqueiro.

Luisa Correia Pereira

A convocação de todos os seres

The summoning of all beings



3 montanhas, 1 amarela, 1972 · Monotipia

DE 15 DE FEVEREIRO
A 11 DE MAIO

Inauguração:
Sexta, 14 de fevereiro, 22h

Galeria 2
2€ (bilhete único para as
exposições) · Entrada gratuita
aos domingos

As galerias encerram
nos dias 18 e 20 de abril.

Visitas guiadas
por Miguel Wandschneider
Sábados, 8 de março
e 19 de abril, 17h

Consulte as atividades do
Serviço Educativo em torno
da exposição, na pág. 91
deste programa.

Curadoria Gaëtan Lampo e Miguel Wandschneider

Luisa Correia Pereira (Lisboa, 1945-2009) produziu, ao longo de quase quatro décadas, uma obra idiosincrática de pintura e de desenho, com notáveis fulgurações, mas que uma grande parte do mundo da arte desconhece ou à qual permanece indiferente.

Em 2003, a Fundação EDP organizou, em colaboração com o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, uma exposição individual de Luisa Correia Pereira (*Fiat Lux: Paris-Lisboa*), que pretendia assumidamente reparar tal injustiça. A exposição estabelecia um contraponto entre uma seleção de trabalhos (pinturas a acrílico sobre tela e guaches e aguarelas sobre papel) do início da década de 1970 e um núcleo de pinturas e de desenhos realizados no final da década de 1990, pertencentes, na sua maioria, a duas importantes séries (*Jogos Infantis* e *Desportos e Jogos*).

A *convocação de todos os seres* centra-se na obra gráfica (águas-fortes e águas-tintas, linóleos, xilogravuras, monotipias) de Luisa Correia Pereira, datada de 1971 a 1974, anos fundadores e fundamentais da sua prática artística, durante os quais viveu em Paris. Apesar da extraordinária importância deste conjunto de trabalhos no contexto da sua obra, a maior parte deles permaneceu inédita até à sua apresentação na Culturgest do Porto, no verão de 2011. Esta exposição, agora reposta em Lisboa, é um contributo para a (re)descoberta da obra desta artista e para a reavaliação do seu lugar numa história da arte contemporânea portuguesa a necessitar urgentemente de outras narrativas.

For almost four decades, Luisa Correia Pereira (Lisbon, 1945-2009) produced an idiosyncratic group of paintings and drawings, with moments of great splendour, even though they continue to be largely unknown or regarded with indifference by the art world in general.

The summoning of all beings is centred on Luisa Correia Pereira's graphic work, dating from 1971 to 1974, a period during which she lived in Paris and which was foundational and fundamental in her artistic practice. Despite the extraordinary importance of this group of works in the context of her oeuvre, most of them remained completely unseen until they were shown at Culturgest, Porto, in the summer of 2011. This exhibition is now repeated in Lisbon, providing an opportunity to (re)discover this artist's work and reappraise her place in a history of Portuguese contemporary art in urgent need of other narratives.

Crianças

A Culturgest na Escola: serviço educativo portátil Pág. 80

Matrioska Pág. 81

Plano de sequência Pág. 82

Férias de Páscoa na Culturgest Pág. 89

Ana Jotta Pág. 90

Pedro Casqueiro Pág. 91

Luisa Correia Pereira Pág. 91

Celebra o teu dia de anos com arte Pág. 92

Adultos

(Per)Cursos com arte Pág. 84

Ana Jotta Pág. 90

Pedro Casqueiro Pág. 91

Luisa Correia Pereira Pág. 91

Professores e educadores

Plano de sequência Pág. 82

Acessibilidade: Uma visão integrada Pág. 83

(Per)Cursos com arte Pág. 84

As artes e a primeira e segunda infâncias Pág. 85

Da dança do mundo ao movimento da sala de aula Pág. 86

Arte contemporânea como recurso interdisciplinar Pág. 88

Mediadores culturais e educadores em museus

Plano de sequência Pág. 82

Acessibilidade: Uma visão integrada Pág. 83

As artes e a primeira e segunda infâncias Pág. 85

Da dança do mundo ao movimento da sala de aula Pág. 86

Práticas de mediação e educação... Pág. 87

Arte contemporânea como recurso interdisciplinar Pág. 88

Grupos escolares

A Culturgest na Escola: serviço educativo portátil Pág. 80

Matrioska Pág. 81

Plano de sequência Pág. 82

Ana Jotta Pág. 90

Pedro Casqueiro Pág. 91

Luisa Correia Pereira Pág. 91



A Culturgest na Escola: serviço educativo portátil

VISITAS JOGO
OFICINAS
DEBATES

Destinatários:
escolas do pré-escolar
ao ensino secundário até
100 km de Lisboa

Ideal para grupos escolares
que não se possam deslocar
com frequência

Até junho
Marcação prévia
Lotação limitada

Programa de atividades sobre arte contemporânea,
na escola.

Programa anual que procura a expansão geográfica do serviço educativo da Culturgest de modo a facilitar o acesso à cultura e às experiências artísticas disponíveis na sua programação, promovendo a literacia artística e o gozo pelas artes contemporâneas. Pretende ser um espaço privilegiado de contaminação entre a Arte Contemporânea e a Educação. Tem como principal objetivo convocar as artes (música, cinema, artes visuais, etc.) e implicá-las na vida dos alunos, da escola, da comunidade e da sociedade em geral.

Após reunião com o professor responsável, serão dinamizadas pela equipa do serviço educativo ações que poderão ser de média ou de longa duração, em forma de oficinas, visitas ou cursos e que podem envolver os alunos, mas também toda a comunidade escolar.

No final do ano, um evento coletivo construído por todos (exposição, festa ou desfile) ilustrará o crescimento do projeto e os seus resultados.

Para mais informações, contacte o serviço educativo.
Consulte o regulamento do programa em www.culturgest.pt/se



Matrioska

DANÇA

Destinatários:
maiores de 6 anos

Pequeno Auditório
Para grupos organizados:
Ter 14 de janeiro
10h30 e 14h30 · Duração:
40 minutos · 2,50€

Marcação prévia

A folha de sala do espetáculo está disponível
no site www.culturgest.pt/se

Direção e coreografia Tiago Guedes **Interpretação** Filipe Pereira, Isadora Ribeiro **Cenografia e figurinos** Catarina Saraiva **Sonoplastia** Sérgio Cruz **Música** Sérgio Cruz a partir da Sinfonia n.º1 em Ré Menor opus 13 de Rachmaninov **Desenho de luz** Mafalda Oliveira e Tiago Guedes **Produção e difusão** Materiais Diversos **Coprodução** Le Vivat, Armentières (França), Centro de Pedagogia e Animação (CPA) do Centro Cultural de Belém, Lisboa (Portugal), RE.AL, Lisboa (Portugal) **Apoio** RE.AL **Projeto financiado pelo** Ministério da Cultura/Instituto das Artes

A nossa *Matrioska*, em vez de ser uma grande boneca com outras similares lá dentro (tal como a famosa boneca russa), é uma espécie de lugar que, devido ao seu dispositivo, permite trabalhar dentro, fora, atrás, à frente, escondido e à vista, fazendo com que diferentes camadas da realidade se descubram umas às outras numa espécie de caleidoscópio de imagens e situações.

O que está dentro disto? O que estará atrás daquilo? O que é aquela sombra? Estará alguém dentro dela? Que língua canta esta cantora? O que se esconde debaixo desta forma?



© Dimitri Wazemski

Plano de sequência

CURSO

Destinatários:
professores, educadores,
educadores e mediadores
em museus, artistas

Debate e apresentação:
16 de janeiro, 18h30
Entrada livre

Sáb 18 de janeiro, 8 e 22
de março · Das 10h às 18h
30€ por sessão · Desconto
de 15% na inscrição em todas
as sessões (76,5€)
Marcação prévia
Mínimo: 15 participantes
Máximo: 80 participantes

Duração total do curso: 18h
Confere direito a certificado
de participação e a 0,6
créditos.

Estão disponíveis 2 entradas
gratuitas. Caso queira
concorrer informe-se junto
do serviço educativo.

CINEMA

Destinatários:
grupos escolares do 1º ciclo,
2º ciclo e 3º ciclo

Gratuito · Marcação prévia

Plano de sequência tem como objetivo principal fazer chegar a linguagem cinematográfica ao maior número possível de jovens de forma a criar a ponte entre a atualidade e a herança que o cinema criou ao longo da sua existência e que assume uma influência inegável no desenvolvimento de qualquer sociedade.

Este plano propõe-se promover a literacia na leitura e interpretação de imagens em movimento, por oposição à infundável produção de conteúdos com que somos confrontados diariamente, nos produtos criados pelos *media* e publicidade. Em simultâneo propõe-se aprofundar, junto de alunos e professores, a capacidade de interpretação dos filmes mais emblemáticos da cultura ocidental e refletir sobre a sua contribuição para o nosso desenvolvimento cultural, social e pessoal.

Debate e apresentação 16 de janeiro, 18h30

O Plano de sequência desenvolver-se-á em duas vertentes:

Formação acreditada para professores

18 de janeiro, 8 e 22 de março

Orientada por profissionais de cinema, fornece as ferramentas necessárias à abordagem dos filmes na sala de aula.

Sessões de cinema – projeção de filmes

Uma sessão por período, por cada ano de escolaridade, desde o 1.º ciclo ao ensino secundário.

1.º ciclo Qui 23 janeiro, seg 24 março, qua 7 maio, 10h30

5.º ano Qui 23 janeiro, seg 24 março, qua 7 maio, 14h30

6.º ano Sex 24 janeiro, ter 25 março, qui 8 maio, 10h30

7.º ano Sex 24 janeiro, ter 25 março, qui 8 maio, 14h30

8.º ano Seg 27 janeiro, qua 26 março, sex 9 maio, 10h30

9.º ano Seg 27 janeiro, qua 26 março, sex 9 maio, 14h30

Consulte o programa completo do curso de formação de professores e de cada sessão de cinema em www.culturgest.pt/se



Programa de Educação
Estética e Artística
do Ministério da Educação

Acessibilidade: Uma visão integrada (2.ª edição)

CURSO

Destinatários:
Profissionais da cultura
(especialmente quem trabalha
nas áreas de conteúdos,
exposições, educação,
comunicação) e estudantes,
entre outros

Segundas-feiras 20 e 27 de
janeiro, 3, 17 e 24 de fevereiro
Terças-feiras 21 de janeiro,
18 e 25 de fevereiro
Das 18h30 às 21h30
65€ · 60€ (estudante /
desempregado)
55€ (Sócio Acesso Cultura)

Sala 3

Marcação prévia
Mínimo: 15 participantes
Máximo: 25 participantes

Coordenação Acesso Cultura **Formadores** Clara Mineiro,
Fátima Alves, Joséia Neves, Manuela Fernandes, Maria Vlachou,
Norberto Sousa, Patricia Roque Martins e Pedro Homem Gouveia

A Acesso Cultura promove, em parceria com a Culturgest, a segunda edição do curso “Acessibilidade: Uma visão integrada”.

A Acesso Cultura defende um conceito de acessibilidade que vai muito além das rampas e das casas de banho adaptadas. Um conceito que encara a acessibilidade como uma área transversal a toda a atividade das instituições culturais. Acreditamos que existe uma necessidade cada vez maior de partilhar com os profissionais da cultura e com as suas tutelas este conceito alargado de acessibilidade. Assim, nesta formação vamos refletir sobre o edifício; o design de exposições; a comunicação; os serviços; os recursos humanos. Esperamos poder sensibilizar, partilhar os nossos conhecimentos, aprender com os outros e chegar ao dia em que as pessoas com necessidades especiais serão visitantes e espectadores autónomos nas nossas instituições culturais, tal como todos os outros, e que farão cada vez mais parte das equipas das mesmas.

Consulte o programa de cada sessão em www.culturgest.pt/se
Inscrição no site do Acesso Cultura em www.acesocultura.org



(Per)Cursos com arte

ENCONTROS OFICINAS

Destinatários:
adultos e jovens

Das 12h30 às 14h
3€ por sessão
Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes
Máximo: 25 participantes

Aulas e oficinas de arte contemporânea, à hora de almoço

Abtrato versus figurativo? (2 sessões)

22 de janeiro e 5 de fevereiro

Conceção e orientação Ana Isabel Gonçalves

Desenho no museu (parceria com Ar.Co)

19 e 26 de fevereiro, 5, 12, 19 e 26 de março

Conceção e orientação João Catarino

Workshop prático que decorre no interior da exposição e visa abordar técnicas e metodologias do desenho. Tomando como referência os temas, os modelos e as obras presentes, explorar-se-á o potencial expressivo dos participantes.

Arte conceptual, conceptualismos e pós-conceptualismos (2 sessões)

13 e 20 de março

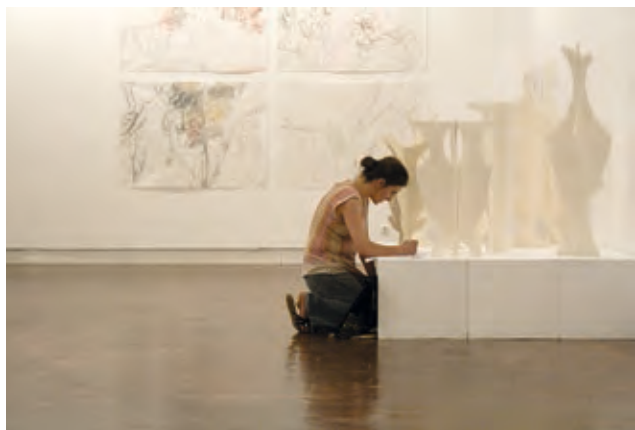
Conceção e orientação Bruno Marques

Escrita criativa: arte em direto (parceria com Nextart)

Sex 21 e 28 de março, 4 e 11 de abril

Conceção e orientação Carlota Gonçalves

Um encontro com peças de arte torna-se o cenário privilegiado para exercícios expressivos de escrita. O participante é levado a captar ambientes, a expandir o olhar e a transportá-lo para textos de variados estilos. Os universos das exposições na galeria 2 serão objeto de apropriação, interpretação e reflexão, revelando motes que conduzem a possibilidades ficcionais. Uma relação a descobrir, entre o visível e o dizível.



© Ar.Co

As artes e a primeira e segunda infâncias

CURSO

Destinatários:
professores, educadores,
educadores e mediadores
em museus, artistas e pais

Quintas-feiras 23 de janeiro,
6 de fevereiro, 20 de fevereiro,
20 de março, 10 de abril,
15 de maio e 5 de junho
Das 18h30 às 21h

11€ por sessão
Marcação prévia
Mínimo: 10 participantes
Máximo: 30 participantes

Duração total do curso: 25h
Confere direito a certificado
de participação

Está disponível 1 entrada
gratuita. Caso queira concorrer
informe-se junto do serviço
educativo.

Os primeiros anos de vida são palco fértil para os estímulos artísticos que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento motor, cognitivo e social das crianças. Que aspetos psicológicos e pedagógicos devem ser tidos em conta quando trabalhamos as artes junto destas idades?

Associámos os artistas da equipa do serviço educativo à Associação de Profissionais de Educação de Infância e em debate e partilha de saberes, desenvolvemos os diferentes módulos desta formação teórico-prática.

23 de janeiro A Criança e a leitura

6 de fevereiro e 20 de fevereiro Linguagens plásticas na infância (1.ª e 2.ª sessões)

20 de março Filosofia com crianças

10 de abril O Outro lado do lápis – desenvolvimento gráfico infantil e áreas de expressão

15 de maio Arte e Património na infância

5 de junho A leitura em voz alta

Programa sujeito a alterações.
Para mais informações consulte o nosso site.



Da dança do mundo ao movimento da sala de aula: o pensamento (in) redor

CURSO

Destinatários:

professores, educadores, educadores e mediadores em museus, artistas

Sáb 25 de janeiro, 1 de março,

12 de abril e 10 de maio

Das 10h às 18h30

Duração total do curso: 28h

35€ por sessão

Desconto de 15% na inscrição

em todas as sessões (119€)

Marcação prévia

Mínimo: 30 participantes

Máximo: 80 participantes

Confere direito a certificado de participação.

Estão disponíveis 2 entradas gratuitas. Caso queira concorrer informe-se junto do serviço educativo.

Oradores convidados Gil Mendo, Marta Traquino, Mercedes Prieto, Sofia Neuparth, Yola Pinto (coordenação), entre outros.

O mundo atual surge-se por movimento e através de movimento de uma forma cada vez mais realçada. Essa força motriz do desenrolar dos eventos exige uma consciência atenta aos novos formatos de perceção envolvidos na transmissão de conhecimento. Ensinar e aprender não são possíveis na estaticidade. Aprender alguma coisa é fazê-la parte de nós, apelar-lhe dinâmica e continuidade no percurso dos nossos dias.

Continuando o nosso interesse pelo binómio arte contemporânea/ensino, parece-nos relevante questionar que papel poderão desempenhar as disciplinas da dança e do movimento no contexto das restantes matérias, assim como no contexto global da aprendizagem.

Esta ação acontecerá em quatro módulos ao longo do ano letivo e conta com a presença de profissionais da dança/movimento mas também com artistas e professores de outras áreas (escrita, filosofia, crítica e história de arte, matemática) que darão o seu testemunho e partilharão experiências.

Consulte o programa de cada sessão em www.culturgest.pt/se

Gostaria de participar nestes encontros apresentando um exemplo pessoal retirado do museu ou da sala de aula?

Vamos selecionar propostas de trabalho que provoquem a discussão e a reflexão junto dos outros participantes.

Datas limite para envio de propostas: 5 de março.



Práticas de mediação e educação nas artes e na cultura contemporâneas

CURSO/ENCONTRO

Destinatários:

educadores e mediadores em museus e centros de arte, professores e artistas

Das 18h30 às 21h30

15€ por sessão

Marcação prévia

Mínimo: 15 participantes

Máximo: 40 participantes

Sessões faladas em inglês.

Estão disponíveis 2 entradas gratuitas. Caso queira concorrer informe-se junto do serviço educativo.

O caso das instituições culturais britânicas

Que estratégias utilizam os mediadores, arte-educadores e coordenadores de serviços educativos nos museus e centros de arte na Europa? Podemos dizer que o trabalho com os públicos das artes, em instituições culturais, tem características específicas a cada país?

Com estas inquietações em mente, selecionamos o caso britânico para dar início a um ciclo de encontros e debates em torno de um só panorama nacional.

Qua 5 de fevereiro

Serpentine Gallery (Centre for Possible Studies)

Qui 20 de março

Victoria and Albert Museum (Sackler Centre for arts education)

Programa sujeito a alterações.

Para mais informações consulte o nosso site.



Arte contemporânea como recurso interdisciplinar

CURSO FORMAÇÃO ACREDITADA

Destinatários:
professores, educadores,
educadores e mediadores
em museus, artistas

Sáb 8 de fevereiro e 5 de abril
Das 10h às 18h30
30€ por sessão
Marcação prévia
Mínimo: 15 participantes
Máximo: 80 participantes

Sessão extra exclusiva para
participantes que precisem de
acreditação: 12 de abril

Confere direito a certificado de
participação e a 1 crédito.

Estão disponíveis 2 entradas
gratuitas. Caso queira
concorrer informe-se junto
do serviço educativo.

A arte contemporânea como inspiração para a sala de aula
(2.ª edição)

Oradores convidados Maria Jesús Agra Pardiñas e María Acaso
Artistas convidados João Queiroz e Ricardo Jacinto

Pode a arte contemporânea ser um recurso para o trabalho em sala de aula? Como aproveitar uma visita a uma exposição, o trabalho expressivo dos alunos ou até imagens de obras de arte para potenciar o currículo escolar? Qual o potencial do recurso à arte contemporânea para trabalhar na escola? O que se está a perder? O que já se está a fazer bem? O que pode ser melhorado? Que exemplos podem ser recuperados? Do espírito crítico ao desenvolvimento da criatividade, este curso teórico-prático de três sessões, que vai agora para a sua 2.ª edição, pretende partilhar com professores e educadores algumas das mais-valias de recorrer à arte contemporânea para estimular o gosto pela aprendizagem divergente e artística.

Um curso organizado, uma vez mais, em parceria com a Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, com exemplos práticos retirados da sala de aula mas com uma forte ligação aos nossos museus e centros de arte contemporânea.

Gostaria de participar nestes encontros apresentando um exemplo pessoal retirado do museu ou da sala de aula?
Vamos selecionar propostas de trabalho que provoquem a discussão e a reflexão. Datas limite para envio de propostas: 8 de janeiro e 5 de março.

Consulte o programa de cada sessão em www.culturgest.pt/se



Programa de Educação
Estética e Artística
do Ministério da Educação

Férias de Páscoa na Culturgest

OFICINAS

Destinatários:
dos 6 aos 8 anos (crianças
nascidas até 2007) e dos 9
aos 12 anos (crianças nascidas
até 2004)

De seg 7 a sex 11 de abril
(5 dias)

Manhãs: das 10h às 13h
Tardes: das 14h30 às 17h30
40€ (5 manhãs ou 5 tardes)
Marcação prévia · Lotação
limitada

As oficinas que ocupam o
dia inteiro têm disponível um
serviço de acolhimento (2€
valor diário) para as crianças
que quiserem trazer almoço de
casa. Mínimo: 5 participantes.
Lotação limitada. É necessária
marcação prévia.

Prolongamento de horário:
Manhãs: das 9h às 10h
Tardes: das 17h30 às 18h30
2€ (valor por manhã ou por
tarde) · Mínimo: 5 participantes

Desconto de 30% na inscrição
do segundo filho ou para
filhos de colaboradores
da CGD (desconto incide
sobre o menor valor e não é
acumulável ou aplicável ao
almoço e/ou prolongamento
de horário).
Desconto de 50% para filhos
de desempregados.

Distâncias e Proximidades

Coordenação Irina Raimundo e Maria Almeida
Orientação Ana Teresa Magalhães, Irina Raimundo, João Bento,
Nuno Bernardo, Maria Almeida, Patrícia Freire e Susana Alves,
entre outros

Com base no tema Distâncias e Proximidades vamos refletir sobre como nos podemos posicionar em relação à obra de arte através de dinâmicas que se associam a questões, reflexões conjuntas e criações.

Entendem-se os conceitos do tema destas oficinas como os responsáveis pelas diferentes perspetivas usadas nas abordagens à arte contemporânea e que muitas vezes nos revelam questões como mas isto é arte?

Propomo-nos encurtar distâncias e procurar ver de todos os lados. Pretendemos ainda criar um blogue onde todos os produtos de reflexão de cada turma de cada oficina possam ser mostrados às outras turmas de outras oficinas. Deixando assim a possibilidade de entender que uma obra pode ser lida e interpretada de infinitas formas.

Oficinas de exploração criativa, narrativa e artística.

Formulário de inscrição e programa completo a partir do dia 5 de fevereiro, no nosso site www.culturgest.pt/se



Ana Jotta - Exposição

ENCONTROS OFICINAS VISITAS

Destinatários:
adultos

Marcação prévia
Ponto de encontro: bilheteira

A exposição decorre na Galeria 1 de 15 de fevereiro a 11 de maio. Para mais informações sobre a exposição consulte as páginas 70 e 71.

VISITAS JOGO

Destinatários:
grupos organizados

Duração: 1h
1€ · **Marcação prévia**
Lotação limitada

Desenho no museu (parceria com Ar.Co)

Qua 19 e 26 de fevereiro, 5, 12, 19 e 26 de março
das 12h30 às 14h · 3€ por sessão

Conceção e orientação João Catarino

Workshop prático que decorre no interior da exposição e visa abordar técnicas e metodologias do desenho. Tomando como referência os temas, os modelos e as obras presentes, explorar-se-á o potencial expressivo dos participantes.

Visitas gratuitas à hora de almoço

Qui 27 de fevereiro, 13h10; Qui 13 de março, 12h10
Qua 2 de abril, 13h10; Qua 9 de abril, 12h10

O mundo fantástico de Ana Jotta Pré-escolar e 1.º ciclo

Conceção Ana Nunes e Patrícia Freire

Desafiamos-te para uma aventura que começa nos espaços das galerias... Palavras-chave: observação, partilha, jogo, sentido crítico, comparação.

Uma artista, múltiplas possibilidades

2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário

Conceção Ana Nunes e Patrícia Freire

Poderá uma só obra falar da artista a que pertence? Ou precisaremos de ver muitas? Palavras-chave: Possibilidades de leitura, trabalho de artista, ferramentas de reflexão, estética, ética, interdisciplinaridade.



A Poderosa, 2006
Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra

Pedro Casqueiro - Exposição Luisa Correia Pereira - Exposição

VISITAS ENCONTROS OFICINAS

Destinatários:
adultos

Marcação prévia
Ponto de encontro: bilheteira

As exposições decorrem na Galeria 2 de 15 de fevereiro a 11 de maio. Para mais informações sobre as exposições consulte as páginas 72 a 75.

VISITAS JOGO

Destinatários:
grupos organizados

Duração: 1h
1€ · **Marcação prévia**
Lotação limitada

Visitas gratuitas à hora de almoço

Qui 20 de fevereiro, 12h10; Qui 6 de março, 13h10
Qua 16 de abril, 12h10; Qua 23 de abril, 13h10

Escrita criativa: arte em direto (parceria com Nextart)

Sex 21 e 28 de março, 4 e 11 de abril, às 12h30 · 3€ por sessão

Conceção e orientação Carlota Gonçalves

Para mais informações, consulte a página 84.

Uma aventura na galeria Pré-escolar e 1.º ciclo

Conceção Susana Alves e Irina Raimundo

Desafiamos-te para uma aventura que começa nos espaços das galerias... Palavras-chave: observação, partilha, jogo, sentido crítico, movimento corporal.

Arte contemporânea à luz de dois artistas

2.º ciclo, 3.º ciclo e ensino secundário

Conceção Susana Alves e Irina Raimundo

Visita crítica ao universo da arte contemporânea e em torno das exposições patentes na galeria 2. Palavras-chave: Possibilidades de leitura, produção artística, trabalho do artista, ferramentas de reflexão, ética, estética, interdisciplinaridade.



Pedro Casqueiro. Sem título, 1996-2012 - Fotografia: DMF, Lisboa

Celebra o teu dia de anos com arte

OFICINAS

Destinatários:

dos 5 aos 12 anos

Duração: 2h30 · 170€

Lotação: 20 participantes

Oficinas práticas de expressões artísticas variadas

Conceção e orientação Ana Nunes, Joana Barros, João de Brito, Leonor Cabral, Tiago Pereira, entre outros

Num espírito lúdico e suavemente educativo, estas oficinas promovem o contacto com as artes, desenvolvem a criatividade e estimulam o pensamento divergente.

Existem várias atividades disponíveis. Solicite o programa através do e-mail culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

ESPETÁCULOS

Destinatários:

dos 5 aos 12 anos

Duração: 1h10 · 310€

Lotação: 30 participantes

Qualquer atividade

de festa de anos inclui:

- Oficina ou espetáculo
- Espaço livre e mesa para o lanche que os pais queiram trazer (até perfazer 3h)
- 2 artistas orientadores
- Uma atividade, na galeria, para adultos (1h30)

Enquanto os mais novos se divertem...

Convide os outros pais para uma atividade (gratuita) na galeria. A atividade termina um pouco antes do final da oficina das crianças.

Uma bailarina...

Conceção Aldara Bizarro **Orientação** Yola Pinto e Isabel Costa
Espectáculo de dança concebido para ser apresentado em espaços não convencionais. Procura proporcionar novas leituras do corpo, suscitando a reflexão sobre matérias relacionadas com o mesmo, enquanto objeto de saber e de sentir.

A nova bailarina...

Conceção Aldara Bizarro

Orientação Costanza Givone e Yola Pinto

Espectáculo sobre a democracia que nos remete para o papel de cada um na sociedade e para a consciência cívica, abordando, através da dança, de uma forma não convencional, e com muito humor, questões éticas e de valores base de construção pessoal e social.



© Duccio

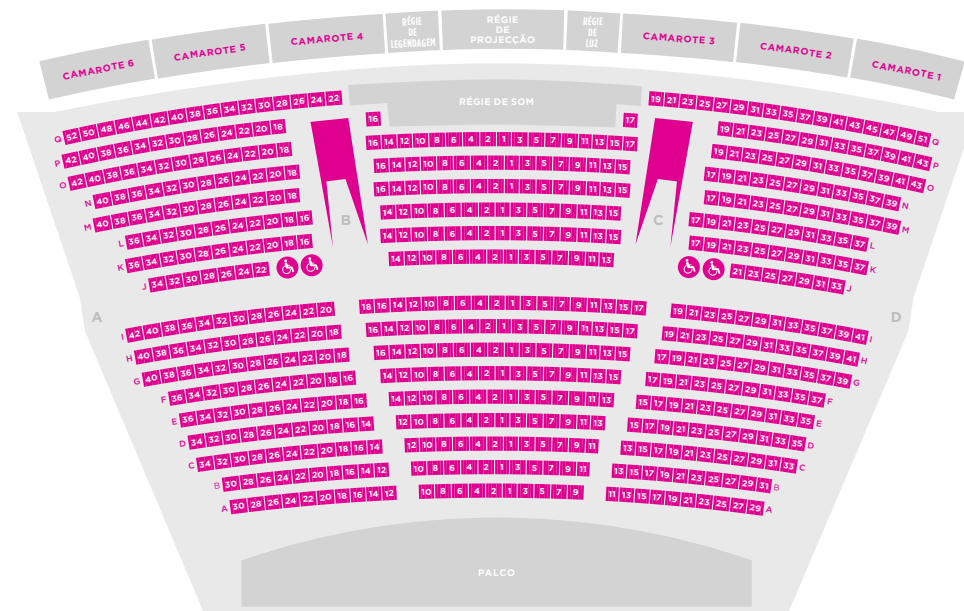
Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Alice Neiva (coordenação)
Ana Isabel Gonçalves (teoria da arte)
Ana Nunes (teoria e filosofia da arte)
Ana Teresa Magalhães (artista plástica)
António M. Duarte (Nextart)
Caroline Bergeron (fabricante de espetáculos e encenadora)
Irina Raimundo (artista plástica)
Joana Barros (atriz)
Joana Batel (teoria da arte)
Joana Furtado (movimento)
Joana Ratão (artista plástica)
João Catarino (Ar.Co)
João de Brito (ator)
Leonor Cabral (atriz)
Luísa Fonseca (assistência e produção)
María Acaso
Maria Almeida (expressões artísticas variadas / escrita criativa)
Maria Jesús Agra Pardiñas
Maria Rita Martins (assistência e produção)
Marta Ochôa (assistência e produção)
Nuno Bernardo (realizador)
Patrícia Freire (artista plástica)
Pietra Fraga (produção)
Raquel Ribeiro dos Santos (coordenação)
Rui M. Silva (ator)
Sílvia Moreira (artista plástica)
Susana Alves (psicologia educacional e mediadora)
Teresa Vaz (estágio)
Tiago Ortis (movimento e expressão dramática)
Yola Pinto (bailarina)

Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · E-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Horário de atendimento telefónico: das 10h30 às 12h30 e das 14h30 às 17h



Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h (última admissão às 18h30).
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h (última admissão às 19h30).
Encerram à terça-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espetáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espetáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espetáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive**, **Caixa Woman**, **Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixa IU**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos e desempregados: 5€ Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

LIVRARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h às 19h.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições.
Telefone: 21 790 51 55

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h às 18h30.
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h.
Nos dias de espetáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego nº 50, 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 54 54

Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756*
Campo Pequeno / Av. República 727,* 736, 738, 744, 749,* 754,* 783; Pç. Londres 722, 767
Av. Roma: 735, 767
*A carreira 756 só funciona ao sábado de manhã. Durante sábados, domingo e feriados as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona do Campo Pequeno.

CULTURGEST PORTO

Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30 às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados nº 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline
Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Acesso a deficientes

Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

Lembramos que não é permitido gravar nem fotografar os espetáculos. Não se esqueça de desligar o telemóvel: a luz dos ecrãs perturba os artistas e o público.

Não faça do seu evento um acontecimento periférico. **Temos o espaço para si no centro de Lisboa.** Venha conhecer-nos.



Informações 21 790 54 54
culturgest.ac@cgd.pt
www.culturgest.pt

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Apoios:



Apoio na divulgação:



As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.

Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego nº 50, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber a programação da Culturgest
envie-nos um e-mail para culturgest.newsletter@cgd.pt
ou inscreva-se na nossa mailing list em www.culturgest.pt.

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h
(última admissão às 18h30).
Sábados, domingos e feriados, das 14h às 20h
(última admissão às 19h30).
Encerram à terça-feira.
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Aos domingos, a entrada nas galerias é gratuita.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h às 19h.
Em dias de espetáculo das 14h até à hora de início do mesmo. Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h às 19h. Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h às 19h.
Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições patentes. Sábados, domingos e feriados das 14h às 20h.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espetáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa
Telefone: 21 790 54 54
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno / Av. Berna 756*
Campo Pequeno / Av. República 727,* 736,
738, 744, 749,* 754,* 783; Pç. Londres 722,
767; Av. Roma: 735, 767

* A carreira 756 só funciona ao sábado de manhã. Durante sábados, domingo e feriados as carreiras 727, 749 e 754 não servem a zona do Campo Pequeno.

CULTURGEST PORTO

Horário de funcionamento

De segunda-feira a sábado, das 12h30 às 18h30. Encerra aos domingos e feriados.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline Reservas e informações: 1820 (24h)
Pontos de venda: Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Janeiro Fevereiro Março 2014

CALENDÁRIO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB																					
29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1							
JANEIRO																																									
																					FEVEREIRO																				
																					MARÇO																				
																					ABRIL																				
																					MAYO																				
																					JUNIO																				
																					JULIO																				
																					AGOSTO																				
																					SEPTIEMBRE																				
																					OCTUBRE																				
																					NOVIEMBRE																				
																					DICIEMBRE																				

18h30 CONFERÊNCIAS
Conversas com Wagner

21h30 JAZZ
Akira Sakata e Giovanni Di Domenico

18h30 CONFERÊNCIAS
Conversas com Wagner

18h30 LETTURAS
Comunidade de Leitores

21h30 MÚSICA
Kacilupada Carmen Souza

21h30 MÚSICA - PORTO
Samara Lubelski

18h30 CONFERÊNCIAS
Conversas com Wagner

7h MASTERCLASS
Corpo-Subjétil: Experiência de um corpo cartográfico

21h30 DANÇA
Fita no Singelo pela Companhia Clara Andermatt

18h30 CONFERÊNCIAS
Conversas com Wagner

WORKSHOP - SESSÃO INAUGURAL
Empreender e Financiar Projetos nas Indústrias Criativas

18h30 CONFERÊNCIAS
Economia: uma ciência que transforma o mundo?

21h30 HOOTENANNY
Big James & the Chicago Playboys

21h30 HOOTENANNY
Eden Brent Band

21h30 HOOTENANNY
Budda Power Blues

7h e 16h OPERA
Met Opera Live em HD

CINEMA
Sobre o trabalho da montagem em artistas que usam o filme

WORKSHOP
Empreender e Financiar Projetos nas Indústrias Criativas

18h30 CONFERÊNCIAS
Economia: uma ciência que transforma o mundo?

EXPOSIÇÕES
Ana Jota / Pedro Casqueiro / Luisa Correia Pereira de 15/fevereiro a 11 maio

21h30 TEATRO
Day For Night de Cão Solteiro & André Godinho

18h30 LETTURAS
Comunidade de Leitores

MÚSICA
Festival RESCALDO

WORKSHOP
Empreender e Financiar Projetos nas Indústrias Criativas

18h30 CONFERÊNCIAS
Economia: uma ciência que transforma o mundo?

WORKSHOP
Empreender e Financiar Projetos nas Indústrias Criativas

21h30 JAZZ
Sofia Ribeiro e Jeffrey Davis

21h30 MÚSICA
O que nunca dissei Aldina Duarte

18h30 CONFERÊNCIAS
O neoliberalismo não é um slogan - histórias de uma ideia poderosa

WORKSHOP
Empreender e Financiar Projetos nas Indústrias Criativas

18h30 CONFERÊNCIAS
O neoliberalismo não é um slogan - histórias de uma ideia poderosa

18h30 LETTURAS
Comunidade de Leitores

18h30 LETTURAS
Comunidade de Leitores

21h30 TEATRO
The Coming Storm de Forced Entertainment

18h30 CONFERÊNCIAS
O neoliberalismo não é um slogan - histórias de uma ideia poderosa

18h TEATRO
And on the Thousandth Night... de Forced Entertainment

18h30 CONFERÊNCIAS
O neoliberalismo não é um slogan - histórias de uma ideia poderosa

21h30 JAZZ
Martial Solal

Culturgest
uma casa do mundo